



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ISMAEL ALVES DA SILVA**

**A FORMAÇÃO E A INSERÇÃO DE HOMENS PEDAGOGOS NA DOCÊNCIA DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAJAZEIRAS - PB  
2023**

ISMAEL ALVES DA SILVA

**A FORMAÇÃO E A INSERÇÃO DE HOMENS PEDAGOGOS NA DOCÊNCIA DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes

**CAJAZEIRAS - PB  
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

S586f Silva, Ismael Alves da  
A formação e a inserção de homens pedagogos na docência da  
educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental / Ismael Alves  
da Silva. - Cajazeiras, 2023.  
71f.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2023.

1.Formação docente. 2.Educação infantil. 3.Homens pedagogos.  
4. Formação de pedagogo. 5. Gênero e educação. 6.Pedagogo - ensino  
fundamental. 7. Anos iniciais- ensino fundamental. I.Fernandes, Dorgival  
Gonçalves. II.Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 377.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

ISMAEL ALVES DA SILVA

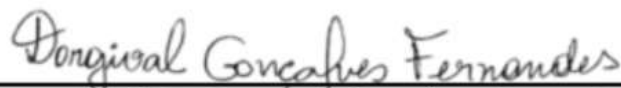
**A FORMAÇÃO E A INSERÇÃO DE HOMENS PEDAGOGOS NA DOCÊNCIA DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes

Aprovado em: 13/06/2023

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes

Documento assinado digitalmente

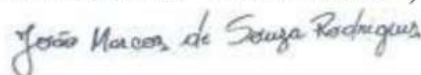


ALEXANDRE MARTINS JOCA

Data: 24/06/2023 15:46:42-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca  
(UAE/CFP/UCG – Examinador 1)



Prof. Me. João Marcos de Souza Rodrigues  
(UAE/CFP/UFCG – Examinador 2)

José Amiraldo Alves da Silva  
(UAE/CFP/UFCG - Examinador suplente)

## DEDICATÓRIA

*A meu pai, José Roberto (In Memoriam), exemplo de homem íntegro, lutador e que amou sua esposa e filho até o último momento.*

*À minha mãe, Nazaré Alves, mulher forte, guerreira e que me deu/dar tanto amor e carinho diariamente.*

*A vocês dois, minha força e alicerce, dedico este trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Nazaré Alves, que cotidianamente reafirma em suas ações e palavras o amor que sente por mim e por quem tenho me tornado. Todas as lutas e batalhas travadas em nome da minha educação nos renderão bons frutos. Devo-te tudo!

À minha vó, Maria Santos, que contribuiu sobremaneira na minha formação acadêmica e que sempre acreditou nos meus sonhos. À senhora, todo o meu respeito e admiração!

Ao meu companheiro, parceiro em tantos momentos, Jeová Rafael. Agradeço por todo amor, apoio, compreensão, companheirismo e dedicação que tens por mim ao longo dos últimos anos. Amo-te!

Aos professores sujeitos da pesquisa, parceiros no exercício da docência que aceitaram participar deste estudo abrindo suas vivências no contexto de atuação enquanto homens pedagogos. Sem a contribuição destes, esta pesquisa não seria materializada.

Ao meu amigo, José Anderson Luna, que foi e continua sendo um amigo para além dos muros da Universidade e que sempre esteve ao meu lado me ajudando durante todo meu percurso acadêmico e fora dele. Todas as vivências que compartilhamos juntos certamente serão lembradas sempre com muito carinho durante nossas caminhadas.

Aos colegas de curso, especialmente a Matheus Abrantes, Francisco José, Anne Caroliny, Kethley Horrana, Aryely Ricarte, Vítório Cavalcante, Marquiciene Gomes, Dagmar Alaíde, Flavia Cartaxo, Ronaldo Ribeiro, Thaisa Ferreira, Ulisses Souza, Luzanira Maria, Andrea Carla, Josefa Moreira e Eliziane Carolino, todos essencialmente importantes na minha formação acadêmica, seja nas discussões travadas em sala de aula, nos trabalhos que construímos e apresentamos juntos, nas viagens acadêmicas que fizemos, nos momentos de descontração ou nos debates nos corredores, de alguma maneira, estarão eternizados nas minhas melhores memórias.

Aos professores e professoras do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), especialmente as ex-professoras deste Centro, Profa. Dra. Viviane Guidotti Machado e Profa. Dra. Lays Regina Batista de Macena, atualmente professoras lotadas no Centro de Formação e Saúde, da Universidade Federal de Campina Grande (CES/UFCG) e da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FE/UERN) respectivamente. Ambas as docentes surgiram em meu caminho formativo ainda quando me entendia como um sujeito tímido e de certo modo amedrontado em expressar tudo que refletia no campo acadêmico e na

vida. A vocês, e a todos e todas os Professores do curso de Pedagogia, meu agradecimento e admiração.

Agradeço e destaco o imenso carinho que tenho pelo meu orientador Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes. Sem a sua paciência, disponibilidade, dedicação e motivação, certamente a conclusão desta etapa seria extremamente sofrível e atribulada. Obrigado por ter entendido e respeitado o meu tempo, obrigado por cada ligação que me fizestes para me encorajar e direcionar, por cada “eu acredito em você” dito em palavras sempre tão brandas e por toda sensibilidade que tivestes para me entender em inúmeros momentos. Sua humanidade, carinho, dedicação, força, plenitude e amor pela vida e pela Educação serão sempre inspiração onde quer que eu caminhe como pessoa e como profissional.

Agradeço de maneira especial a Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa, Professora do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande. Sou grato por todas as vezes que me enxergou dentro da academia. Em um ambiente por vezes elitizado e que distancia o doutor do graduando, você sempre se colocou disposta em fazer o movimento inverso, levando para perto de si os que mais precisavam ver o mundo sob uma ótica de amor e acolhimento. Assim foi comigo dentro e fora da academia. A você, toda minha gratidão e admiração.

Agradeço ao Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, por todo zelo e dedicação que teve e tem para com os programas de assistência estudantil, monitorias e extensão que tive a honra de participar e que por muito tempo foram estes programas os grandes responsáveis por me manter na Universidade.

Agradeço as minhas amigas e irmãs Aline Jorge Santana, Jaqueline Meneses, Michelly Maria Soares e Thatyanne Brito Leandro, por estarem sempre ao meu lado nos melhores e piores momentos.

Agradeço aos meus colegas, Professores e Professoras, Núcleo Gestor e demais funcionários da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Alves de Oliveira, na pessoa da diretora e minha ex-professora no Ensino Fundamental, Profa. Teresa Pereira Jorge. Todos que fazem esta instituição tornaram-se parte fundamental da minha vida e mostraram-me as reais possibilidades de exercer a minha práxis docente.

Agradeço aos meus alunos e alunas, que me ensinam diariamente em como ser um docente e uma pessoa que está na busca de se tornar um ser humano melhor. Cada vivência compartilhada e cada momento de troca de saberes tem sido combustível diário para seguir a caminhada na docência.

“Sem o espaço do sonho, a vida vira pura miséria”.

**Silvio Almeida**



## RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem a respeito da inserção de homens pedagogos na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo principal do estudo é compreender o processo de formação e inserção desses profissionais nessas etapas de ensino. Para tal, partimos do problema de pesquisa imbuído na seguinte questão: como os homens pedagogos percebem a sua inserção na docência da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Nessa direção, para darmos embasamento teórico ao estudo, nos fundamentamos em autores como Vianna (2013); Butter (2019; 2019; 2017); Silva (2014); Louro (2012; 2022); Demartini e Antunes, (1993); Vargas (2016); Fernandes (2019), entre outros. Considerando a dimensão da temática, adotamos a pesquisa qualitativa, utilizando a pesquisa de campo e tendo como caminhos investigativos a pesquisa exploratória e explicativa. Como instrumentos e procedimentos de coleta de dados, adotamos um roteiro de perguntas, no qual foi possível realizar entrevistas semiestruturadas com quatro homens pedagogos que atuam ou tenham atuado por um longo tempo na Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O processamento e análise dos dados coletados deram-se a partir da análise de conteúdo na perspectiva da análise temática proposta por Bardin (1977). A partir dos resultados obtidos foi possível verificar que o processo de inserção de homens pedagogos na Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental revela que há claramente uma divisão sexual do trabalho e de que a Pedagogia e o trabalho docente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental ainda é um trabalho exercido majoritariamente por mulheres, e portanto, a presença desses corpos masculinos ainda é atravessada por estranhamentos, rejeição, violências, julgamentos e preconceitos. Entretanto, os resultados são expressivos ao mostrarem que esses homens também estão dispostos a combater esses preconceitos, transgredirem à norma e permanecerem no exercício da docência.

**Palavras-chave:** Gênero e Educação. Homens Pedagogos. Educação Infantil. Anos iniciais do Ensino Fundamental.

## ABSTRACT

The present work deals with the insertion of male pedagogues in the teaching of Early Childhood Education and the initial years of Elementary School. The main objective of the study is to understand the formation and insertion process of these professionals in these teaching stages. For this, we start from the research problem imbued in the following question: how do male pedagogues think about their insertion in Early Childhood Education teaching and in the early years of Elementary Education? In this direction, to give the study a theoretical basis, we base ourselves on authors such as Vianna (2013); Butter (2019; 2019; 2017); Silva (2014); Louro (2012; 2022); Demartini e Antunes, (1993); Vargas (2016); Fernandes (2019), among others. Considering the dimension of the theme, we adopted qualitative research, using field research and having exploratory and explanatory research as investigative paths. As data collection instruments and procedures, we adopted a script of questions, in which it was possible to carry out semi-structured interviews with four male educators who work or have worked for a long time in Early Childhood Education or in the early years of Elementary School. The processing and analysis of the collected data took place from the content analysis perspective of the thematic analysis proposed by Bardin (1977). From the results obtained, it was possible to verify that the insertion process of male educators in Early Childhood Education and the initial years of Elementary School reveals that there is clearly a sexual division of labor and that Pedagogy and teaching work in Early Childhood Education and in the years The beginning of Elementary School is still a job exercised mostly by women, and therefore, the presence of these male bodies is still crossed by estrangement, rejection, violence, judgments and prejudices. However, the results are expressive in showing that these men are also willing to fight these prejudices, transgress the norm and stay in the teaching profession.

**Keywords:** Gender and Education. Men Pedagogues. Child education. Early Years of Elementary School.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	4
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	7
2.1 Identidades profissionais e sociais de homens e mulheres docentes da Educação Infantil e dos anos Iniciais do Ensino Fundamental.....	9
2.2 O feminino e o masculino na docência da Educação Infantil e dos anos Iniciais do Ensino Fundamental .....	13
2.3 O gênero enquanto construção social: “homem” e “mulher” e a teoria da performatividade como possibilidade de ruptura das concepções ontológicas do gênero no contexto educacional .....	16
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	22
3.1 Perfil dos sujeitos participantes da pesquisa.....	24
3.2 Processamento e Análise dos Dados .....	25
<b>4 “EU ESTAVA ALI DE GAIATO”: A INSERÇÃO DE HOMENS PEDAGOGOS NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL</b> .....	27
4.1 “Desde criança eu sempre quis ser professor”: a presença de estudantes homens no curso de Pedagogia.....	29
4.2 “Às vezes eles me chamavam de tia”: o pedagogo homem e a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental .....	34
4.3 “Ligou para uma rádio ‘denunciando’ que havia homens nas creches”: preconceito e discriminação presentes na inserção de homens pedagogos na docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental .....	40
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50
<b>APÊNDICE A</b> - Roteiro da entrevista.....	52
<b>APÊNDICE B</b> - Transcrição das entrevistas.....	53
<b>ANEXO A</b> - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	64

## 1 INTRODUÇÃO

*Para compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que sociedade se construiu sobre os sexos.*

**Guacira Lopes Louro**

Com a crescente demanda por uma educação mais inclusiva e por uma perspectiva de equidade de gênero, a presença de homens na docência da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mesmo que a *pari passu*, tem se tornado cada vez mais comum. No entanto, a docência nessas etapas da educação básica ainda é uma profissão predominantemente feminina, o que levanta questionamentos a respeito da inserção de homens nesse contexto e suas particularidades em relação às questões de gênero. A presença de homens na docência pode contribuir para a quebra de estereótipos de gênero ontologicamente predispostos na sociedade. Diante disso, é fundamental compreender o processo de inserção de homens pedagogos na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a fim de promover uma reflexão crítica sobre a diversidade de gênero na docência e a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas.

Assim sendo, este trabalho busca fazer uma discussão sobre gênero e o que culturalmente e socialmente são construídos como papéis de gênero, atravessando as complexidades, lutas, embates e disputas sobretudo em se tratando das questões de gênero no âmbito educacional. Há concepções de gênero entendidas de forma hegemônica, linear e hierárquica e tais concepções acabam por produzir diferentes relações de gênero entre os indivíduos na história, na cultura e na sociedade (VIANNA, 2013).

Nessa direção, o tema desta pesquisa centra-se nas discussões das “Questões de gênero na docência”, delimitando-se à discussão de “Masculinidade na docência da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental”. Tal tema é balizado pelo problema de pesquisa imbuído na seguinte questão: Como os homens pedagogos percebem a sua formação e a inserção na docência da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Tal proposta se fundamenta na ideia da existência de uma dinâmica orientada por supostas verdades a respeito das relações de gênero na Educação e, sobretudo, na formação em Pedagogia que necessitam de problematizações de ordem histórica, política, cultural e social (CASTRO; SANTOS, 2016).

Nesse sentido, para este estudo, elaboramos o seguinte objetivo geral: **Compreender o processo de formação e inserção de homens pedagogos na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.** Para alcançarmos tal objetivo elaboramos os seguintes objetivos específicos: Identificar as motivações que levam os homens a escolher a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental; Descrever como os estereótipos de gênero associados à profissão de professor podem afetar a decisão dos homens em escolher a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental; Verificar o impacto da presença de homens pedagogos na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir da perspectiva de pedagogos que atuam ou tenham histórico de atuação docente nessas etapas da educação básica.

O interesse em conduzir a minha trajetória acadêmica dentro dos estudos de gênero pensados de forma mais elaborada parte de inquietações dentro do campo acadêmico. Logo, as circunstâncias vivenciadas após ingressar no curso de Pedagogia me causavam, como dito, certas inquietações que ainda atravessam sobremaneira o meu processo de formação no curso de Pedagogia.

Nesse cenário de inquietações, o fato do grande número de mulheres em detrimento do número de homens matriculados no curso de formação em Pedagogia, quando a maior parte dos textos que falavam sobre a atuação docente na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental se voltavam para as mulheres, quando nas idas as escolas, a figura masculina era recebida com uma certa estranheza pelo corpo docente, gestores e gestoras e até mesmo pelo corpo discente das instituições.

Em outros momentos, dialoguei com colegas homens que me diziam com ar de tristeza que não se sentiam compatíveis com o curso de Pedagogia por conta de certas desaprovações sociais que vinham sofrendo e até mesmo questionamentos sobre a orientação sexual desses colegas eram colocadas em questão, fazendo-os questionarem-se sobre sua inserção profissional enquanto docentes.

Contudo, os estudos das relações de gênero voltado para a problematização dos corpos de homens e mulheres e as demarcações dos lugares sociais e de trabalho desses sujeitos, tem a sua relevância social e acadêmica fundamentadas na necessidade de estudos sistemáticos a respeito dos corpos que ocupam o curso de Pedagogia. É necessário também que se investigue o impacto que o curso de Pedagogia voltado para a atuação docente na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental pode ter na vida dos homens após a conclusão do curso, haja vista os objetivos do curso com relação a formação intelectual, profissional e humana.

Este trabalho resulta de uma pesquisa de campo realizada com professores homens, formados em cursos de Pedagogia, que atuam ou que tenham histórico de atuação docente na Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O estudo utilizou como abordagem metodológica para a investigação, a pesquisa qualitativa de natureza básica com caminhos investigativos voltados para a pesquisa exploratória e descritiva.

A discussão a respeito da inserção de homens pedagogos reflete a intenção de abordar o processo pelo qual os homens adentram e se envolvem na prática docente da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A utilização do termo "inserção" é justificada pelo fato de que o ingresso desses profissionais nesse contexto educacional não é apenas uma questão de ocupação de cargos ou realização de tarefas, mas sim um processo mais amplo e complexo que vai desde as decisões que envolvem a escolha do curso de Pedagogia como formação inicial, a permanência e vivência no curso. Dessa forma, o termo "inserção" reflete a ideia de uma trajetória que envolve tanto a formação acadêmica quanto a inserção profissional propriamente dita.

A respeito dos instrumentos e procedimentos de coleta dos dados, foi adotado a entrevista semiestruturada de forma individual como um meio condutor que possibilitou uma abordagem ampla com os sujeitos da pesquisa ante o tema central deste estudo. As análises dos dados captados foram organizadas e processadas a partir da Análise de Conteúdo, utilizando a técnica de análise temática apresentada por Bardin (1977).

O trabalho foi organizado a partir de tópicos e subtópicos que estruturaram, organizaram e denotaram o caráter científico desta pesquisa. No tópico de referencial teórico, à luz de teóricos como Buttler (2019; 2019); Louro (2000, 2012); Vianna (2013); Oyěwùmí (2004); Silva (2014), entre outros, busca-se problematizar de maneira teórica a respeito das construções normativas dos papéis de gênero na sociedade e ainda sobre as estruturas educacionais que estão alinhadas com uma respectiva cruel de inserção profissional de pedagogos e pedagogas na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

No tópico da metodologia é abordado o percurso metodológico da pesquisa, onde estão apresentados os procedimentos adotados que buscam nortear a presente estudo, como também, a descrição da pesquisa e dos sujeitos participantes, dos instrumentos de coleta de dados, do processamento e da análise dos dados coletados. No tópico das análises de dados, são apresentados os dados coletados a partir dos procedimentos metodológicos apresentados e adotados em campo, fornecendo uma discussão baseada no problema de pesquisa, bem como nos objetivos estabelecidos para a realização deste estudo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

*“Fomos divididos pela norma. Cortados em dois e forçados em seguida a escolher uma de nossas partes. O que chamamos de subjetividade não é mais que a cicatriz deixada pelo corte da multiplicidade do que poderíamos ter sido. Sobre essa cicatriz assenta-se a propriedade, funda-se a família e lega-se a herança. Sobre essa cicatriz, escreve-se o nome e afirma-se a identidade sexual.”*

**Paul B. Preciado**

A discussão a respeito da atuação de pedagogos homens na docência da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental é uma discussão que têm ganhado força no campo educacional, tanto no Brasil quanto em outros países. Isso se deve ao fato de que a grande maioria dos profissionais que atua nessa área são mulheres, o que pode reforçar estereótipos de gênero do que seriam papéis de homem e papéis de mulheres na sociedade, além de limitar as possibilidades de construção de identidades masculinas na infância.

Por outro lado, a presença de homens na docência da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental pode promover um debate importante, capaz de apresentar possibilidades reais para a promoção de uma educação plural e igualitária, que considere as questões de gênero e masculinidade dissociada de uma lógica universal de que o homem é por natureza um ser ligado sobretudo à violência e que, portanto, o espaço de educar crianças pequenas, não é um espaço para ele. Além disso, ao ocupar uma sala de aula nessas etapas do ensino básico, paradoxalmente, a figura masculina no desempenho da docência pode ajudar a combater preconceitos e discriminações de gênero ligadas à figura feminina no mercado de trabalho e no exercício do magistério.

Dessa maneira, as discussões apresentadas neste tópico têm por objetivo fornecer subsídios para a compreensão do objeto de estudo desta pesquisa, que se refere à inserção de homens pedagogos na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, delimitando-se a questão da masculinidade na docência nessas etapas da educação básica. Para isso, o tópico foi dividido em três subtópicos, sendo: O masculino e o feminino ditando novas regras: Identidades profissionais e sociais de homens e mulheres docentes da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental; O homem fora do lugar:

O feminino e o masculino na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental; O gênero enquanto construção social: “homem” e “mulher” e a performatividade de gênero como possibilidade de ruptura das concepções ontológicas do gênero.

No primeiro subtópico abordamos e problematizamos a respeito da visão social e profissional nas relações de trabalho docente de homens e mulheres na Educação com crianças pequenas nas etapas de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. No segundo subtópico discutimos a respeito da inserção de homens pedagogos na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir da construção do gênero e da masculinidade na sociedade. No terceiro subtópico apresentamos a partir do entendimento do gênero como um ato performativo, portanto, fluido, mutável e articulado com as diferentes vivências e contextos, uma possibilidade de compreensão do conjunto de problemáticas envolvidas na inserção de homens pedagogos na Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, a perspectiva discursiva do gênero fundada a partir do movimento feminista ocidental, que a priori foi um movimento social balizado sob um alicerce hegemonicamente formado de mulheres brancas, cis, heterossexuais, intelectualizadas e de classe média (FERNANDES, 2019), faz-se necessário elucidar algumas dinâmicas fluidas com relação às discussões de gênero evocadas a partir da epistemologia contemporânea e ocidental das ciências humanas. Tais dinâmicas giram em torno das problematizações das categorias sociais “homem” e “mulher”, das problematizações das masculinidades, das questões de identidades e do gênero enquanto uma construção social, política e cultural, e ainda, problematizações voltadas para homens e mulheres transgênero, assim como a própria fluidez do gênero.

Assim sendo, os estudos de gênero têm tomado corpo e forma cada vez mais específicos e complexos, que buscam dar conta de abarcar as tantas demandas relacionadas ao tema constituindo-o de forma cultural, político e social permitindo tantos outros recortes e atravessamentos. De acordo com Oyěwùmí (2004, p. 2), “[...] o gênero tornou-se uma das categorias analíticas mais importantes na empreitada acadêmica de descrever o mundo e a tarefa política de prescrever soluções”. Nessa perspectiva, dado o caráter político do gênero na sociedade é atribuído a ele um lugar no qual se deve circunscrever tentativas de solucionar os problemas de ordem estruturais com relação a raça, classe, credo e do próprio gênero na sociedade.

A discussão sobre gênero e a sua constituição nas sociedades é uma discussão atravessada por complexidades e grandes dilemas, sobretudo quando tratamos de gênero no âmbito educacional. Segundo Fernandes (2019, p. 84) “Nas duas últimas décadas no Brasil, a



educação tem sido constituída como uma arena na qual se disputam projetos e possibilidades de constituição de sujeitos envolvendo as questões relacionadas ao gênero e às sexualidades”. São, portanto, as concepções de gênero fundadas na sociedade e refletidas no campo educacional que tem se perpetuado sob uma ótica hegemônica, linear, binária e hierárquica e produzindo as relações de gênero entre professores/as e estudantes como também entre os pares docentes no espaço escolar.

Dentro das questões de gênero no campo educacional, Fernandes (2019) visualiza essas questões como uma arena em que duas perspectivas de gênero disputam espaço. A primeira chamada de “torção se fundamenta no entendimento do gênero como uma contraposição às configurações de gênero hegemônicas historicamente constituídas. Já a segunda perspectiva, chamada “refutação”, nega a existência das questões de gênero e às classifica do ponto de vista biológico e natural, recusando o gênero “como artefato da cultura e das relações de saber-poder” (Fernandes, 2019, p. 85). Tal concepção se fundamenta tão somente em falácias emergidas de políticas conservadoras e acepções instituídas pelo cristianismo ocidental.

## **2.1 Identidades profissionais e sociais de homens e mulheres docentes da Educação Infantil e dos anos Iniciais do Ensino Fundamental**

Os papéis sociais e identidades profissionais de homens e mulheres na Educação de crianças pequenas tendem a ficar presos a características do gênero masculino e feminino, que perpetuam diferenças dadas puramente pela ordem biológica dos gêneros. Ou seja, nas escolas, é dado às mulheres os papéis do cuidado/educação sem nenhuma sanção social, pois, supostamente as mulheres irão exercer essas atividades sem nenhum problema aparente. Já ao homem, é dado o papel de supervisionar, gerir, orientar e nas poucas vezes que é dado o papel de educar dentro de salas de aula deve ser um trabalho desenvolvido com um cuidado e uma preocupação que não ocorre com as mulheres na mesma função. Para Silva (2014, p. 137):

Na educação infantil, os papéis masculinos e femininos parecem ser evidenciados nas relações entre professores e professoras, e entre os meninos pequenos e as meninas pequenas, abrindo mecanismos de absorção de práticas sexistas desde a tenra idade. Neste contexto, os espaços educativos não são meramente vazios de políticas que perpetuam as desigualdades de gênero, pelo contrário, estão imersos em ideologias que já se encontram atualmente nos espaços em que são constituídos, nas relações de poder e na hierarquização entre os sexos, pois as práticas sexistas se encontram presentes já nas formas de ocupação desses ambientes.

Ao questionar essas estruturas e inserir cada vez mais homens para desempenhar funções com crianças pequenas é possível identificar os abismos existentes nas relações de gênero e como consequência pleitear mudanças para eliminar as desigualdades existentes nas relações e identidades profissionais de homens e mulheres tanto na Educação quanto em outros âmbitos sociais.

Na pesquisa de doutorado intitulada “Não sou tio, nem pai, sou professor! A docência masculina na Educação Infantil”, produzida por Silva (2014), o pesquisador questiona algumas estruturas e mecanismos que têm orientado a relação e a identidade profissional entre homens e mulheres na Educação Infantil e no cuidado com crianças pequenas, o autor aponta para duas questões pouco pensadas. A primeira delas, é que se existem professores homens nas escolas que foram contratados sob os mesmos termos e condições e com a mesma formação que as professoras mulheres e esses homens não desenvolvem os trabalhos de cuidar e educar com as crianças pequenas, ao passo que as mulheres desenvolvem, estariam então as mulheres vivenciando uma situação de exploração do trabalho feminino? A segunda questão é: os professores homens, vivenciando tal situação, o que eles têm feito para enfrentar esse mecanismo de subordinação de modo que possa exercer suas funções de forma plena?

Quando resgatamos a história da Educação no Brasil, percebemos uma série de eventos curiosos que nos permitem reflexões a respeito dos papéis de gênero ontologicamente estabelecidos para homens e mulheres. Pensando em um exemplo prático podemos notar que dos grandes protagonistas da educação brasileira, por mais progressistas que tenham sido ou tentando ser, ainda assim, foram na sua massiva maioria, homens. Nesse sentido, o que há, nada mais é que uma carreira para os homens e uma profissão para as mulheres (DEMARTINI; ANTUNES, 1993). Em outras palavras, nota-se que em vários momentos da história, planejar e formular os processos e políticas da Educação básica brasileira estiveram a cargo de homens ao passo que executar o que havia sido pensado para as escolas, foi um trabalho exercido por mulheres.

O processo de tornar o magistério primário predominantemente feminino foi muito bem organizado para que se mantivesse o poder do homem sob a mulher na divisão social do trabalho. “Esse processo expressava a divisão sexual do trabalho e a reprodução de um esquema binário que situava o masculino e o feminino como categorias excludentes e que dava sentido à história de professoras e professores e às suas práticas escolares” (VIANNA, 2013, p. 160).

Nesse sentido, feminizar a ação docente estava ligada a aspectos predominantemente atrelados ao modelo educacional brasileiro no qual as políticas para a Educação, as tomadas de decisões a respeito dos modelos educacionais a serem adotados no Brasil, de financiamento e

de remuneração salarial, eram ações desenvolvidas e exercidas por homens. Conforme Vianna (2013), apenas em meados do século XIX, as mulheres passam a exercer gradativamente a profissão de educadoras no Brasil. Essa inserção ocorre devido ao processo industrial e de urbanização que levou os homens a deixarem as salas de aula e irem em busca de trabalhos mais rentáveis e que trouxessem consigo um reconhecimento social. Enquanto isso, as mulheres, que desenvolviam às tarefas domésticas, tiveram que lutar arduamente para se inserirem no campo produtivo, gradualmente ocupando os cargos de ensino deixados pelos homens.

Com o passar do tempo, criaram-se narrativas profundamente sexistas para sustentar a permanência das mulheres no exercício da profissão docente, enquanto os homens ocupavam os mais altos cargos e profissões mais bem valorizadas do ponto de vista social, político e financeiro. Resquícios dessas narrativas perpetuaram-se durante a história de modo que a profissão docente ainda hoje seja exercida majoritariamente por mulheres diante de um imaginário que produz e reproduz a exclusão dessas mulheres no mercado de trabalho. Segundo (PEREIRA, 2016, p. 64) para sustentar a narrativa de que a docência seria melhor exercida por mulheres, cria-se a ideia de que “o magistério não era uma profissão, mas sim uma vocação, segundo a tradição cristã, um chamado interior de origem divina, o qual exigia abnegação, dedicação, qualidades morais e aptidão, portanto era tida como um sacerdócio”. Logo, nesse momento da história em que os homens exercem outras profissões, a narrativa que se tinha era de que a “vocação” da docência não poderia ser melhor exercida senão por mulheres.

Arce (1997, p. 115) diz que

[...] a educação de crianças menores de seis anos sempre esteve relegada ao segundo plano, sua proximidade com o doméstico, o privado, a tornou algo que não necessita de muita estrutura e nem de profissionais para sua realização. Afinal a mãe “educadora nata”, educa e cuida de seus filhos mesmo nas piores condições possíveis e não precisa aprender a fazê-lo é algo “natural” a ela, “natural” ao gênero feminino.

Essa constatação não se restringe apenas ao campo da Educação, pois observamos diversas disparidades de gênero em diferentes áreas de atuação profissional, como a desigualdade na ocupação de cargos de liderança, a disparidade salarial, a falta de valorização e o desrespeito profissional. Por outro lado, percebemos que ao longo do tempo, houve movimentações nessas estruturas. No entanto, nota-se que essas movimentações não ocorreram para dar as mulheres o merecido lugar de destaque, pelo contrário, elas ainda se mantêm sob a mesma estrutura sexista e machista historicamente pensada e estruturada para elas.

Em relato à revista digital Nova Escola (2021) o professor Evandro Tortora, relata que:

Estava responsável por uma turma de crianças de dois anos de idade. Fui recebido pela diretora da creche, a qual me apresentou a escola e me pediu para que, ao perceber que uma criança precisasse trocar sua fralda, pedisse para chamar um a das mulheres que trabalhavam comigo. Na época, apenas segui as orientações da diretora, porém hoje compartilho que é necessário superar esse tipo de prática na Educação Infantil. Por trás desta postura, poderíamos dizer que há um cuidado da diretora ao pensar no preconceito que viria das famílias e, para evitar conflitos, me eximiu de uma tarefa que não era apenas das minhas colegas mulheres. Porém gostaria de olhar para esta situação sob uma ótica diferente. De certa forma, esse olhar cooperou para perpetuar um olhar preconceituoso sobre a educação das crianças. Seria o homem um potencial abusador ou incapaz de exercer esse tipo de atividade? (TORTORA, 2021, p. 1-2)

Nessa direção, no melhor dos cenários, haveriam possibilidades de que a presença de professores homens em ambientes educacionais e de cuidados com crianças pequenas acabe desarticulando as normas patriarcais e torne-se um movimento favorável tanto para os homens quanto para as mulheres no ambiente de trabalho educacional. A identidade profissional, a formação e a capacidade dos sujeitos de ambos os gêneros passam a figurar um lugar de igualdade e não mais de perpetuação do status quo machista, sexista e patriarcal na educação infantil.

Logo, esse discurso pode gerar novas possibilidades nas relações profissionais entre professores e professoras, professores e crianças, professores e pais e entre as próprias crianças. Em outras palavras, quando meninos e meninas tem a chance de estarem em contato com um professor homem dentro de sala de aula ou na relação com os cuidados, criam-se possibilidades de reorganizar as estruturas sociais de uma maneira menos nociva a esses sujeitos e ao se tornarem adultos podem reorganizar as crenças pré-estabelecidas dos papéis sociais de homens e mulheres (SILVA, 2014).

Para Ramos (2011), a presença de professores homens nas escolas exercendo trabalho com crianças pequenas, acaba por provocar estranhamentos e incômodos tanto nos pares docentes, geralmente nas professoras e nos pais e curiosamente não causa as mesmas sensações de estranhamento e incômodo nas crianças, centro do processo.

[...] as crianças pequenas estão sinalizando para o professor que uma outra relação vem sendo estruturada quando se despedem dele. Eles dirigem a ele beijos e abraços, um vínculo de confiança e de cumplicidade vem sendo construído. (SILVA, 2014, p. 178)

Já na relação que deve haver entre os professores homens e os pais das crianças, a postura do diálogo é o centro da questão. “Diante dessa relação com as famílias, eles vão constituindo uma relação de confiança. Tal ação é essencial para quebra de preconceitos, principalmente quando se tem docentes do sexo masculino na educação infantil” (SILVA, 2014, p. 178). É necessário que essa postura dentro das escolas com relação ao professor homem seja rompida. Os estigmas e as discriminações deferidas à figura masculina no trabalho com crianças são, de mesmo modo, os estigmas e discriminações que perpetuam o machismo e sexismo contra as mulheres.

Portanto, os papéis sociais atribuídos ao sexo masculino e feminino não podem ficar presos às marcas das identidades de gênero ou de sexo, as quais reafirmam as diferenças excludentes entre homens e mulheres e às hierarquias na sociedade capitalista. Pelo contrário, ao colocar em evidência as diversas formas de relações entre homens e mulheres, entre meninos e meninas, podemos encontrar nas fronteiras de gênero mudanças para eliminar as desigualdades de gênero. (SILVA, 2014, p. 133)

A complexa estrutura educacional brasileira não se mostra capaz de compreender a importância de professores homens na educação infantil. Tal aceitação permitiria, ainda, organizar um sistema educacional em que todos, professores, professoras, pais e crianças compreendessem as relações entre os gêneros, que não são convites para a perpetuação de desigualdades e sim de possibilidades de anulação da hierarquia de gênero, do sexismo e do machismo na sociedade.

Contudo, a escola precisa estar atenta para não se tornar um mecanismo de desumanização dos sujeitos e de menosprezo da identidade profissional docente, mas deve estruturar-se essencialmente como uma instituição de combate a esses mecanismos que procuram tornar a sociedade cada vez mais alheia ao debate de gênero na Educação. Nesse sentido, destaca-se a importância da educação na construção das identidades de gênero, uma vez que a escola é um espaço privilegiado de socialização e aprendizagem, onde são construídos valores, crenças e práticas culturais que moldam as formas de ser e agir de meninos e meninas.

## **2.2 O feminino e o masculino na docência da Educação Infantil e dos anos Iniciais do Ensino Fundamental**

Os papéis dos gêneros binários construídos na ontologia social, acabam por produzir visões de gênero a respeito do que é determinado para o homem e o que é determinado para a mulher e quais seriam os “papéis” de cada um. É através dessa lógica orientada pelo

entendimento do gênero como um fator biológico, fixo, imóvel e que traduz a lógica machista, sexista, que segrega e que oprime, tanto mulheres, quanto homens, que a construção dos gêneros vem sendo pautada na sociedade.

O protagonismo das mulheres nas pautas feministas foi e vem sendo fundamental para as discussões de gênero na sociedade. O feminismo na contemporaneidade é acrescido de uma série de outros desdobramentos que problematizam os gêneros, e um desses desdobramentos é o estudo sobre a Masculinidade, denota Januário (2016). Os estudos da Masculinidade criam força a partir de outros aspectos, tais como, raça, etnia, orientação sexual e classe social que viabilizam a discussão das masculinidades como múltiplas e plurais, assim como o gênero.

Diante disso, Januário (2016, p. 77) diz que o homem enquanto “[...] categoria naturalizada por séculos, iniciou um intenso processo de problematização da sua posição enquanto sujeito, confrontado com o surgimento de novos discursos e novos sujeitos que se estavam constituindo”. Para tanto, faz-se necessário problematizar a categoria “homem” sob a perspectiva da masculinidade, pois tal categoria permite a articulação entre os estudos de gênero e sexualidade e feminismos no âmbito educacional, dando ao gênero um caráter ainda mais fluido, flexível, plural e problematizador.

A forma com que o gênero é representado socialmente organizou por séculos as relações de trabalho e de poder, de modo que na Pedagogia a relação cuidar/educar tem sido competência das mulheres por comumente relacionar a imagem feminina à maternidade, ao zelo, ao cuidado e à docilidade (CASTRO; SANTOS, 2016). Paradoxalmente, a inserção de homens no ambiente educacional da Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental, apesar de ser desprezada, de certo modo, tornou-se, dentro dessas relações de gênero, uma forte oposição à ontologia social que divide e define os papéis de homens e mulheres nas relações de trabalho. Para Ramos (2011, p. 22),

[...] a presença do professor homem em espaços de educação e cuidado de crianças pequenas é vista como algo fora do lugar e que, se possível, deve ser evitada. Ao mesmo tempo é entendida como importante no interior das instituições e nas interações estabelecidas nesse mesmo espaço.

O confronto entre as relações de gênero, sobretudo com a imagem masculina, seja durante o curso de graduação em Pedagogia ou na atuação docente desse sujeito é extremamente latente. Em uma pesquisa de doutorado intitulada “Um estudo sobre os professores homens da Educação Infantil e as relações de gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte – M.G”, produzida por Ramos (2011, p. 61), o pesquisador destaca que:

[...] esses professores precisam oferecer provas de idoneidade, competência, habilidade e, especialmente, de uma sexualidade que não ofereça riscos para as crianças. Dessa forma, eles vivenciam uma espécie de período comprobatório antes de serem, efetivamente, aceitos como integrantes das equipes de profissionais que cuidam de crianças pequenas e as educam.

Nesse contexto, a presença masculina na educação de crianças é atravessada por nuances de preconceitos que acentuam cada vez a desigualdade entre os gêneros, colocando na identidade masculina uma ideia construída historicamente de violência, brutalidade e abuso.

Nessa direção, a respeito desse entendimento histórico da construção social da masculinidade, Molinier e Lang (2009, p.101) acrescentam que:

Na Sociologia e Antropologia dos sexos, masculinidade e feminilidade designam as características e as qualidades atribuídas social e culturalmente aos homens e às mulheres. Masculinidade e feminilidade existem e se definem em sua relação e por meio dela. São as relações sociais de sexo, marcadas pela dominação masculina, que determinam o que é considerado “normal” – e em geral interpretado como “natural” – para mulheres e homens.

Sob esta ótica, o conceito social e histórico de masculinidade e feminilidade são construídas e definidas em relação umas às outras. No entanto, é necessário que possamos notar que essas definições estão enraizadas nas relações sociais do sexo e do gênero enquanto uma construção social e biológica e acabam que ambas as perspectivas são marcadas pela dominação masculina. É por meio dessas relações que se estabelece o que é considerado "normal" para homens e mulheres, e muitas vezes essa concepção é interpretada como algo intrinsecamente "natural".

Nesse sentido, podemos então problematizar a figura do homem enquanto professor na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e perceber a influência das construções sociais de masculinidade nesse contexto específico. Como dito, historicamente, a docência nesses níveis de ensino tem sido predominantemente associada a mulheres, o que acaba reforçando os estereótipos de feminilidade e atribuindo certas características e qualidades às mulheres no exercício da docência nessas etapas de ensino.

Para Vianna (2013), a masculinidade tradicional, frequentemente associada a características como autoridade, rigidez, violência e virilidade pode colidir com as expectativas de um ambiente educacional que valoriza a afetividade, o cuidado e a flexibilidade. Ao adentrar o ambiente da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, os homens professores podem enfrentar resistências e expectativas sociais arraigadas em relação ao seu desempenho e atuação.

Nesse contexto, a construção da identidade masculina do professor se torna um processo complexo, em que ele precisa encontrar um equilíbrio entre as normas de masculinidade ontologicamente, culturalmente e socialmente estabelecidas e as demandas da profissão docente. É necessário desconstruir estereótipos de masculinidade violenta ou autoritária e desenvolver abordagens pedagógicas sensíveis, empáticas e inclusivas. Além da necessidade de pensar as etapas da Educação Infantil e primeiros anos dos anos iniciais do Ensino Fundamental para além da perspectiva do cuidar.

É necessário refletir sobre o papel do homem como professor na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e tal reflexão nos convida a repensar as construções sociais de gênero, questionar estereótipos e trabalhar em prol de uma educação que valorize a diversidade, a igualdade de gênero e a formação integral das crianças.

### **2.3 O gênero enquanto construção social: “homem” e “mulher” e a teoria da performatividade como possibilidade de ruptura das concepções ontológicas do gênero no contexto educacional**

Conforme os estudos de Louro (2000), em toda a história da sociedade, até mesmo no auge do feminismo branco ocidental na virada do século XIX para o século XX e da emergência das discussões sobre gênero oriundas desse momento histórico, não foi possível chegar a um consenso sobre como o gênero se constitui em meio aos sujeitos, nem mesmo na atualidade das ciências humanas onde essas discussões estão cada vez mais tomando força. Assim sendo, certamente não se chegou a esse consenso pelo fato de o gênero não ser algo simplesmente dado, posto, tampouco imóvel e fixo. Para Butler (2019), o gênero se constrói à medida que ele é feito. Em outras palavras, os atos cotidianos que circunstanciam o gênero constituem a realidade do mesmo na medida em que os sujeitos se relacionam na sociedade.

Nessa perspectiva, o gênero se constitui em caráter performativo em meio aos sujeitos, como destaca Butler (1988, p. 3):

[...] o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” generificado permanente. Essa formulação desloca o conceito de gênero para além do domínio de um modelo substancial de identidade para um modelo que exige uma concepção de temporalidade social constituída. Significativamente, se o gênero é instituído por atos internamente descontínuos, o aparecimento da substância é precisamente isso: uma identidade construída, uma realização performativa na qual a plateia social cotidiana, incluindo os próprios atores, vem a acreditar, além de performar como uma crença.



Desse modo, o gênero é, portanto, instituído dentro das vivências cotidianas dos sujeitos, o que significa dizer que o gênero ser performativo denota que em cada ato concebido nas instâncias da sociedade, se produz gênero dentro de uma lógica contínua e não sob uma lógica de construção que simplesmente se impõe aos sujeitos tornando-os reféns absolutos das construções sociais. Butler (1988, p. 11) afirma que como ação e ato performativo do sujeito,

[...] o gênero não é uma escolha radical nem um projeto que reflete uma escolha puramente individual, mas também não é imposto nem inscrito no indivíduo, como argumentariam alguns deslocamentos pós-estruturalistas em relação ao assunto. O corpo não é passivamente roteirizado por códigos culturais, como se fosse um recipiente sem vida de todo um conjunto de relações culturais anteriores.

O destaque no entendimento do gênero como um ato performativo se dá por compreendê-lo para além da pura construção social atida por uma visão acrítica da discussão. Ao notar o gênero como ato performativo, além de firma-lo como algo fluido e contínuo e desvinculá-lo da lógica binária, cria-se a possibilidade de ver o gênero como fator estruturante das relações sociais na maneira pelo qual ele se constitui cotidianamente em relação com os sujeitos.

Outra questão relevante a ser destacada a respeito do gênero enquanto uma construção puramente social, a partir dos estudos de Vieira (2020) é que essas construções passam por um movimento de incoerência. Isto é, dentro das instituições sociais coercitivas que nos impelem uma série de fatores de constituição, tais como a família, a igreja, a política, a escola, os movimentos sociais, entre outros, carregam no seu interior um conjunto de influências sociais que produzem a singularidade do sujeito. Entretanto, se não houvesse na construção dos sujeitos algo que denote sua singularidade, todos os sujeitos passariam pelas mesmas experiências.

A teoria da performatividade de gênero, desenvolvida por Judith Butler, propõe uma abordagem fundamental para a compreensão da dinâmica social do gênero. Segundo Butler (2019), o gênero não é uma essência inata, mas uma construção social e discursiva que se manifesta por meio de performances repetidas quase como um ritual. Essa perspectiva reconhece a capacidade de agir dos indivíduos na criação e recriação de identidades de gênero.

Ao questionar e subverter as normas de gênero, as performances de gênero desafiam as categorias binárias e fixas, abrindo espaço para a emergência de identidades e expressões de gênero não estáticas e para além das categorias binárias de homem e mulher. A subversão das normas de gênero por meio da performatividade possibilita a criação de novos significados e

representa uma forma de resistência à dominação masculina e às estruturas de poder opressivas. Essa perspectiva de ruptura e reconfiguração das identidades de gênero é crucial para a promoção da igualdade de gênero e a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

Nessa direção, a performatividade passa a ser a capacidade de um ato que gera efeitos sob a realidade e subjetividades do sujeito. Em outras palavras, é um feito capaz de mover as estruturas da realidade e modificá-las. Tal compreensão ligada ao gênero, denota o mesmo entendimento, ou seja, o gênero deve ser entendido como algo fluido, que muda e se transforma e assim sendo, modifica a realidade social na medida dessa transformação. Louro (2000, p. 4) diz que “As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes)”, demonstrando aí o caráter fluido do gênero que de certo modo sugere uma liberdade, mesmo que pouca, em expressar o gênero de diversas formas na sociedade.

A performatividade de gênero implica ainda que as normas de gênero são aprendidas e internalizadas por meio das práticas sociais, discursos e rituais que moldam e restringem as possibilidades de expressão e identificação de cada indivíduo. No entanto, a teoria também sugere que as performances de gênero não são fixas nem determinadas, mas sim passíveis de contestação e subversão. Ao desnaturalizar as normas de gênero e evidenciar sua natureza construída e fluída, os atos performativos do gênero possibilitam a abertura de espaços de resistência e transformação. A subversão nesse caso ocorre quando os indivíduos desafiam as expectativas socialmente impostas do gênero, questionando e transcendendo as fronteiras rígidas entre masculinidade e feminilidade.

Buttler (2017) aponta que a subversão das normas de gênero pode se manifestar de diversas maneiras, desde a adoção de comportamentos e aparências não convencionais e conformistas até a rejeição de categorias binárias de gênero. Por meio dos atos performativos, como performances artísticas, ativismo político e construção de identidades de gênero não hegemônicas, as pessoas podem desafiar os estereótipos de gênero, desconstruir as hierarquias de poder associadas a eles e criar novas possibilidades de identificação e expressão de gênero. Buttler (2019, p. 21) destaca que:

[...] a performatividade deve ser entendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia. O que espero que fique claro no que se segue é que as normas regulatórias do “sexo” trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais

especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.

Essa ideia destaca que as normas sociais e regulatórias em torno do "sexo" não são meramente descritivas, mas sim produtoras de uma realidade. Elas trabalham ativamente para constituir a materialidade dos corpos, mais especificamente, para materializar a diferença sexual, a fim de reforçar o conceito do gênero como binário.

Nessa perspectiva, Butler (2019), argumenta que as normas de gênero não são inerentes ou naturais, mas sim construções sociais e discursivas que são repetidamente reforçadas e reiteradas. Ela desafia a ideia de que existem categorias binárias fixas e predefinidas de "homem" e "mulher" e questiona a forma como essas categorias são estabelecidas e mantidas. Ao enfatizar a dimensão performativa do gênero, a autora sugere que a identidade de gênero não é algo que possuímos ou somos, mas sim algo que "fazemos" e que é continuamente construído e contestado por meio de nossas ações e práticas cotidianas.

Pensar algumas realidades destacando a importância das práticas sociais na produção e manutenção das normas de gênero ontologicamente organizadas e compreendendo a performatividade desses gêneros, podemos questionar as noções fixas e binárias de identidades, abrindo espaço para a subversão das normas e a possibilidade de reorganizar e reconstruir as concepções ontológicas do gênero. Isso implica em desafiar o poder coercitivo das normas sociais de gênero e explorar outras formas de expressão e identificação que vão além das expectativas tradicionais.

Nessa perspectiva, é fundamental discutir essas construções do gênero apossando-se da teoria da performatividade para problematizar tal discussão a partir da construção das categorias binárias de "mulher" e "homem" dentro do campo da formação superior no curso de Pedagogia e na inserção de homens nas etapas da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nessa direção, (BUTLER, 2019, p. 244) aponta que:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória.

Para tanto, a discussão de gênero voltado para a categoria "homem" dar-se por entender os fatores ligados ao gênero e entendê-lo sobretudo enquanto uma construção performativa

voltada para a questão da formação do homem no curso de Pedagogia onde há verdadeiramente uma questão a ser repensada sobre ocupação deste lugar por homens e mulheres. Segundo Vargas (2016, p. 193):

A predominância de mulheres em cursos como a Pedagogia reflete a permanência de uma forte associação entre as atividades relacionadas à educação, principalmente à educação infantil e aos anos iniciais da educação básica e certas características atribuídas culturalmente ao gênero feminino, tais como o cuidado e a maternagem.

A ideia de associar os processos educacionais com crianças pequenas apenas ao cuidado acaba por induzir a sociedade a ter uma visão limitada, perpetuando concepções extremamente problemáticas ligadas às relações de gênero e a um ideal patriarcal que definirá quais serão os papéis sociais de homens e mulheres.

Nesse contexto, o trabalho do homem na educação infantil pensado tão somente sob uma ótica de cuidados se torna um não lugar para o homem e um lugar de manutenção e reprodução de ideias machistas. Em contrapartida, “[...] o fato de haver homens em uma graduação considerada “feminina” significa poder questionar as possibilidades de atuação demarcadas pelos gêneros – “profissão de mulher”, “profissão de homem” –, criando assim, resistências” (CASTRO; SANTOS, 2016, p. 60).

Concomitante a isso, a performatividade de gênero pode ser uma categoria de análise que permite desconstruir estereótipos de gênero arraigados na sociedade e questionar as expectativas tradicionais em relação aos papéis desenvolvidos por homens e mulheres na docência da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os professores homens podem desafiar e transcender as normas de gênero estabelecidas, buscando novas formas de se relacionar com os estudantes e promover a equidade de gênero no campo da Educação. A construção de identidades masculinas na docência requer reflexão e conscientização dos próprios professores sobre as normas de gênero internalizadas. Isso envolve questionar os papéis de gênero atribuídos socialmente e reconhecer a importância de uma atuação não sexista e inclusiva no fazer docente. Os professores homens podem buscar se envolver ativamente em práticas pedagógicas que promovam a igualdade de oportunidades para todos os estudantes, independentemente do seu gênero (VARGAS, 2016).

Para além disso, é fundamental que professores e professoras, homens e mulheres tenham espaço para discutir e compartilhar experiências, desafios e conquistas relacionadas à construção de suas identidades na docência e no campo educacional como um todo. Para tanto,

a formação inicial e continuada desses profissionais deve incluir reflexões sobre gênero, performatividade e masculinidade, fornecendo ferramentas para uma atuação consciente e crítica no exercício da docência.

Ao adotar uma postura de questionamento e ressignificação das normas de gênero, esses profissionais homens e mulheres têm o potencial de se tornarem agentes de mudança, promovendo uma educação mais igualitária, diversa e inclusiva. Essa nova construção de identidades masculinas na docência não apenas beneficia os estudantes, proporcionando modelos de referência mais amplos, mas também enriquece a própria atuação dos professores e professoras, ampliando suas possibilidades de expressão, relacionamento e desenvolvimento profissional.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

*Ô meu corpo, faça sempre de mim  
Um homem que questiona!"*

**Frantz Fanon**

A busca pelo conhecimento é essencialmente importante para o desenvolvimento humano de maneira individual e coletiva. Tal desenvolvimento está intimamente ligado à dimensão que caracteriza a pesquisa científica. Assim sendo, ao tomarmos consciência da extensão e do impacto social da pesquisa científica, ela torna-se fundamental para apontar novos caminhos, produzir novos conhecimentos e compreender problemas sociais estruturantes, fornecendo assim subsídios necessários para uma visão social pautada na formação de sujeitos críticos e engajados socialmente.

Para Bourdieu (2004), a pesquisa científica é um fator necessário para a produção de conhecimentos e saberes, sendo uma forma de se produzir conhecimento que possibilita aos pesquisadores e à sociedade a compreensão de fenômenos que, sem essa investigação, não poderiam ser devidamente entendidos.

Dessa forma, os estudos científicos são imprescindíveis para o desenvolvimento de uma sociedade focada na articulação de conhecimentos e saberes em diversas áreas do conhecimento, produzindo assim sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade, os tornando capazes de questionar e propor mudanças diante de situações adversas. Por meio da investigação científica, é possível analisar e compreender diversas problemáticas sociais que afetam as sociedades, bem como propor soluções efetivas para enfrentá-las

Segundo Freire (2005), a pesquisa é uma prática educativa que tem como objetivo a construção de um conhecimento crítico e reflexivo, capaz de transformar a realidade social. Por meio da pesquisa, é possível desenvolver habilidades de análise e interpretação, bem como a capacidade de questionar e propor soluções para problemas enfrentados pela sociedade. Desse modo, a pesquisa científica se apresenta como um importante instrumento para a compreensão das relações sociais e a transformação da realidade.

Em síntese, os trabalhos científicos são vitais para a produção de conhecimento, possibilitando a compreensão de fenômenos complexos, a formação de sujeitos críticos e a análise de problemáticas sociais. Nesse sentido, é importante que os pesquisadores sejam comprometidos com a ética e a responsabilidade social, buscando sempre contribuir para o desenvolvimento humano e para o bem-estar coletivo.

Neste estudo, temos como objetivo compreender o processo de inserção de homens pedagogos na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para atingir tal objetivo, utilizamos a abordagem de pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que se busca compreender o significado e as experiências dos participantes da pesquisa em relação ao fenômeno estudado. A pesquisa qualitativa tem como foco a compreensão aprofundada de um fenômeno específico, permitindo uma análise mais profunda e rica em detalhes.

A respeito da pesquisa qualitativa, Gonsalves (2001, p. 68) aponta que este tipo de pesquisa se preocupa “[...] com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando os significados que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”.

Em relação ao tipo de pesquisa, dada a necessidade de estabelecer uma conexão com os sujeitos para compreender de que maneira se deu ou estava se dando o processo de inserção dos mesmos na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, buscou-se adotar como o tipo de pesquisa, a pesquisa de campo, entendida por Severino (2007) como o tipo de estudo científico em que o objeto deste estudo é posto diante do pesquisador, possibilitando análises mais abrangentes de cunho descritivos e analíticos.

Este trabalho teve por natureza a pesquisa básica, que segundo Appolinário, (2011, p. 146) é o tipo de pesquisa caracterizada pelo “[...] avanço do conhecimento científico, sem nenhuma preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos”.

Os caminhos investigativos desta pesquisa estão configurados como uma análise exploratória que “[...] se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno pouco explorado” (GONSALVES, 2001, p. 65). Esta pesquisa também se constitui enquanto uma análise explicativa, entendida por Gonsalves (2001, p. 66), como o tipo de pesquisa que “[...] pretende identificar os fatores que contribuem para ocorrência e o desenvolvimento de um determinado fenômeno. Buscam-se aqui as fontes, as razões das coisas”. Em outras palavras, são caminhos de pesquisa que pretendem construir uma ótica panorâmica de um fenômeno, identificando as causas que podem contribuir no desenvolvimento de tais fenômenos, circunscrevendo e explorando o objeto de estudo, explicando e buscando analisar de maneira crítica os fenômenos apresentados na pesquisa.

Como ferramenta de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, um tipo de entrevista, “[...] que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LÜDKE, MENGA, 1986, p. 34). As referidas entrevistas foram realizadas com quatro professores

homens que atuam ou que apresentem histórico de atuação docente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Desse medo, foi adotado um roteiro de perguntas previamente elaborado. Tal roteiro foi construído com base nos objetivos da pesquisa e na revisão bibliográfica realizada no referencial teórico, a fim de garantir a pertinência e relevância das questões a serem abordadas. A estruturação cuidadosa do roteiro de perguntas é de grande importância para a validade e confiabilidade dos resultados no rigor da pesquisa científica, uma vez que a formulação das perguntas deve ser clara e objetiva, permitindo que os entrevistados compreendam facilmente as questões propostas e forneçam respostas precisas e coerentes. Além disso, a organização do roteiro permite a obtenção de informações mais completas e detalhadas sobre o objeto de estudo, fornecendo subsídios para a análise e interpretação dos dados obtidos.

A análise dos dados foi feita por meio da técnica de análise de conteúdo, na perspectiva da análise temática, que consiste em analisar temas e padrões a partir do conteúdo das entrevistas realizadas. Diante disso, o presente estudo busca contribuir para a reflexão sobre a diversidade de gênero na docência e a promoção de uma educação mais igualitária e inclusiva.

### **3.1 Perfil dos sujeitos participantes da pesquisa**

A pesquisa aconteceu com cinco homens pedagogos oriundos de cursos de Pedagogia que atuam ou que tenham histórico de atuação docente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tal escolha deu-se pela própria construção da pesquisa, do objeto de estudo e das proposições iniciais relacionadas às relações de gênero na Educação.

Os perfis atuais de atuação profissional dos sujeitos são distintos em alguns pontos. Parte deles atuaram por alguns anos na Educação Infantil e hoje atuam como Pedagogos em outras áreas, como em Secretarias Municipais de Educação e outros atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental ou têm convivência diária com a dinâmica de atuação docente.

A preservação da identidade dos sujeitos participantes da pesquisa é um aspecto fundamental para garantir a ética e a privacidade dos indivíduos envolvidos neste estudo. Para tanto, a utilização de pseudônimos é uma prática amplamente adotada na pesquisa científica, que busca proteger os participantes de possíveis constrangimentos ou exposições indevidas. No presente estudo, os sujeitos serão denominados como Professor Geraldo, Professor Antônio, Professor Raimundo e Professor Vicente, garantindo assim a confidencialidade e a ética nas informações coletadas.



Professor Geraldo concluiu o curso de Pedagogia no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), tem 27 anos de idade, possui mestrado completo, atua na etapa da Educação Infantil a menos de um ano e está sob regime efetivo na rede pública de Educação de um município do estado do Ceará.

Professor Antônio concluiu o curso de Pedagogia na Faculdade São Francisco da Paraíba (FASP), tem 34 anos de idade, possui mestrado completo, atuou por cinco anos na etapa dos anos iniciais do Ensino Fundamental, atua desde 2019 como supervisor escolar sob regime efetivo na rede pública de Educação de um município do estado da Paraíba.

Professor Raimundo concluiu o curso de Pedagogia no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), tem 28 anos de idade, possui mestrado completo, atua na etapa dos anos iniciais do Ensino Fundamental há três anos e está sob regime efetivo na rede pública de Educação de um município do estado do Ceará.

Professor Vicente concluiu o curso de Pedagogia no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), tem 36 anos de idade, possui especialização completa, atuou por cinco anos na etapa da Educação Infantil sob regime de contratação temporária na rede pública de Educação de um município do estado da Paraíba.

### **3.2 Processamento e Análise dos Dados**

No que tange à coleta de dados, foi adotada uma técnica de entrevista por meio de uma plataforma virtual. Especificamente, o *Google Meet* foi escolhido como o ambiente virtual para realizar as entrevistas com os professores sujeitos da pesquisa. A escolha por essa estratégia foi motivada pela distância geográfica que separava o pesquisador e os participantes da pesquisa. Nesse sentido, as entrevistas tiveram gravações em áudio e vídeo, o que proporcionou uma base de dados ainda mais consistente e robusta para análise.

A respeito do método de análise dos dados coletados por meio das entrevistas, optou-se por adotar a técnica de Análise de Conteúdo como principal instrumento norteador desta fase da pesquisa. De acordo com BARDIN (1977, p. 42), a Análise de Conteúdo pode ser entendida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Em outras palavras, a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas as quais pretendem analisar a maneira de comunicar uma informação ou ideia com a finalidade de obter dados relevantes e consistentes através de procedimentos estruturados, buscando uma larga compreensão das mensagens estabelecidas no processo da comunicação. Dessa forma, este tipo de análise permite a dedução de saberes acerca das circunstâncias de criação e recepção das mensagens. Além disso, as variáveis presentes nesse tipo de análise podem fornecer informações fundamentais para a compreensão do fenômeno estudado e subsidiar a tomada de decisões em diversas áreas do conhecimento.

Nesse sentido, a técnica adotada, dentro da Análise de Conteúdo, foi a análise temática. Para (BARDIN, 1977, p. 175) este tipo de análise é:

[...] transversal, isto é, recorta o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projetada sobre os conteúdos. Não se têm em conta a dinâmica e a organização, mas a frequência dos temas extraídos do conjunto dos discursos, considerados como dados segmentáveis e comparáveis.

Portanto, com auxílio do recurso de análise denominado de *grelha*, buscou-se analisar as diferentes entrevistas, com os diferentes sujeitos, mas com o mesmo tema em comum, pretendendo notar como o tema é posto pelos sujeitos em cada uma das entrevistas.

#### **4 “EU ESTAVA ALI DE GAIATO”: A INSERÇÃO DE HOMENS PEDAGOGOS NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

*“O modo como criamos nossos filhos homens é nocivo: nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos (...) ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrarem vulneráveis.”*

**Chimamanda Ngozi Adichie**

Ao longo deste tópico, serão apresentadas as análises das colocações dos pedagogos homens, obtidas por meio das entrevistas individuais. As entrevistas nos forneceram falas, vivências, perspectivas e ideias fundamentais e que deram sustentação a discussão a qual buscamos fazer quando apontamos que o processo de inserção de homens pedagogos na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental é atravessado por uma série de questões que são inerentes à inserção de professores homens nessas etapas de ensino. Concomitante a isso, foi valioso ouvir diretamente os professores e compreender suas vivências, desafios e percepções frente às inserções de cada um deles nessas etapas do ensino básico.

O processo de inserção desses sujeitos se aproxima do mesmo processo vivenciado por outros homens no Brasil, como é possível notar pela própria discussão do tema no campo acadêmico, mas isso acontece por se tratar de uma questão perpetuada através da estrutura machista e sexista que provoca a exclusão de homens e mulheres de determinados espaços para conservar o *status quo*. Voltando à discussão para o fazer docente do homem na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, os homens que subvertem a norma posta da divisão sexual do trabalho perpetuada pela construção do gênero na sociedade e se arriscam a se inserirem numa área antologicamente feminina, estão sujeitos a sofrer preconceitos.

Falas como: “*Eu estava ali de gaiato*” para referir-se aos espaços educacionais que frequentou durante o processo de formação no curso de Pedagogia ou “*Eu sou muito receoso quando a criança vem me abraçar*” ou ainda quando um dos sujeitos diz que: “*Existem muitos olhares voltados para mim na escola e muito desses olhares são julgadores*” expressam o quanto o processo de inserção de homens pedagogos na Educação Infantil e nos anos Iniciais do Ensino Fundamental pode ser desconfortável, constrangedor, atravessado por preconceitos, por

cerceamento da identidade e afetividade masculina, e “doído”, como expressa um dos professores.

Para que pudéssemos trazer as vivências dos sujeitos e analisar os dados de uma maneira organizada e sistemática, seguimos um modelo estrutural de análise em que as falas dos sujeitos são evidenciadas a respeito de cada tema correspondente a cada uma das perguntas colocadas na entrevista, incluindo as perguntas não contempladas no roteiro, mas que foram necessárias serem colocadas na entrevista mediante as respostas dos sujeitos sobre determinados temas. Em seguida, procuramos analisar, discutir e refletir sobre as respostas dos entrevistados a partir dos autores que fundamentam este estudo.

Para tanto, este tópico é dividido em três subtópicos que exploram as dimensões que buscamos discutir ao longo das análises. No primeiro subtópico, intitulado “*Desde criança eu sempre quis ser professor: a presença de estudantes homens no curso de Pedagogia*” discorremos a respeito da presença e do pertencimento do homem dentro do curso de Pedagogia, lugar que inicialmente já se apresenta como um cenário ambíguo, estranho e nada confortável para homens, mas que também se mostra convidativo à oportunizar uma formação superior na qual esses homens já desejavam.

No segundo subtópico, denominado “*Às vezes eles me chamavam de tia: o pedagogo homem e a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental*” buscamos fazer uma abordagem no que concerne ao processo de inserção de homens pedagogos como docentes na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental e nos detemos a analisar em como esse processo de inserção tem se dado. Nesse cenário, os sujeitos se mostraram bem reflexivos sobre como tinha se dado esse processo, resgatando algumas vivências e as confrontando diante de um processo que visivelmente, em algum momento não foi confortável para eles como normalmente é para uma professora mulher.

No terceiro subtópico, com o título de “*Ligou para uma rádio ‘denunciando’ que havia homens nas creches: preconceito e discriminação presentes na inserção de homens pedagogos na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental*” nos concentramos em analisar as marcas do preconceito presentes nas vivências dos sujeitos que fizeram e ainda fazem com que o dia-a-dia do fazer docente para o homem seja atravessado por uma série de questões que julgam e apontam esse fazer docente como um “não fazer” para o homem. Nesse ponto das entrevistas, os sujeitos voltaram a questões de preconceitos vivenciados que disseram terem sido resolvidos com resiliência, mas foi possível notar o desconforto em revisitar acontecimentos em que a sua docência foi colocada em risco pelo fato de serem homens. Contudo, nesse momento do estudo, a voz dos professores homens, sujeitos da pesquisa, devem

ser evidenciadas trazendo à luz as suas vivências na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental enquanto professores homens.

#### **4.1 “Desde criança eu sempre quis ser professor”: a presença de estudantes homens no curso de Pedagogia**

A escolha profissional é um processo complexo e que pode ser influenciado por diversos fatores individuais, sociais, políticos e culturais. Nesse sentido, a decisão de se tornar professor também está ligada a certos fatores, tais como, as influências familiares e sociais, a busca por um propósito ou por uma formação no ensino superior, os interesses e as habilidades pessoais ou o desejo em transformar uma realidade social.

De acordo com Silva (2014), para um sujeito na condição de homem, escolher estar no curso enviesado para o magistério primário não é uma escolha fácil e muito menos naturalizada. Ainda no próprio curso de Pedagogia haverá questionamentos se esses homens terão os mesmos cuidados, afeto positivo, sensibilidade e atenção que as mulheres possivelmente teriam na mesma função. Diante dessa perspectiva, foi perguntado a respeito das **motivações para a escolha do curso de Pedagogia**. Professor Geraldo relata que ser professor é um sonho que alimentava desde quando ainda era criança, mas que enfrentou certos dilemas até de fato escolher ir para o curso de Pedagogia:

Desde criança eu sempre quis ser professor, desde pequeno quando as professoras perguntavam em sala de aula: O que você quer ser quando crescer? Eu sempre falava: Ser professor. E aí elas mesmas questionavam: Ser professor? Por quê? É tão sofrido, você pode ser outras coisas. E mesmo assim... é... eu sempre fiquei nessa ideia de ser professor. No terceiro ano, nós tivemos que fazer a farda e cada um tinha que colocar a sua profissão na farda e ninguém queria ser professor e aí eu tirei da cabeça que queria ser professor e coloquei na cabeça que queria ser fisioterapeuta, não sei porquê mas eu queria ser fisioterapeuta. Fui aprovado na primeira opção em pedagogia, e aí fiquei para decidir entre pedagogia e fisioterapia, e fui para o que eu sempre quis ser que era ser professor. Então a minha motivação para ser professor desde criança eu tinha essa ideia de gostar de ensinar, de interagir com as outras pessoas e de fazer alguma coisa prática. (Professor Geraldo)

Considerando o fato de ter sido desencorajado ainda quando criança em ter a docência como profissão, o professor se mostrou firme na decisão quando seguiu seu sonho, mesmo que em alguns momentos os dilemas da escolha da profissão tenham voltado à tona, já quando adolescente. Outro acontecimento presente no processo de escolha da profissão do professor

Geraldo chama atenção: Para essas professoras, as quais fala o professor Geraldo, o que de tão sofrido estaria ocorrendo a ponto de desencorajar um dos seus alunos que via na profissão delas tanta beleza a ponto de querer segui-las? Seria somente o fato de ser professora? Se assim fosse, poderíamos apontar uma espécie de denúncia da precarização do trabalho docente vivido pelas professoras e, portanto, vivenciando essa realidade “sofrida”, eram tomadas pelo medo de serem responsáveis por influenciar um dos seus alunos a seguir adiante na profissão docente.

Ainda nos voltando à fala do professor Geraldo, podemos pensar na posição da escola, enquanto uma instituição formativa do sujeito. Não é incomum percebermos que nas próprias escolas, não há uma cultura de encorajar os estudantes a buscarem cursos de formação de professores e serem docentes. Por outro lado, é comum vermos escolas focando exaustivamente na formação de futuros médicos, advogados, engenheiros, policiais, administradores, políticos, entre outras profissões agregadas à uma visão de prestígio econômico e social. Tal questão é ainda mais evidenciada na fala do Professor Geraldo quando diz:

Quando cheguei do ensino médio, eu vivi algumas questões da adolescência mesmo, de não aceitação da profissão. Começou a ter uma feira de ciências na escola e aí ninguém quis ser professor na feira de ciências, nem palestra de professores tinham na feira de ciências. (Professor Geraldo)

Mesmo tendo enfrentado situações que de algum modo e por algum tempo desviaram o professor Geraldo de seguir a carreira profissional na docência como queria desde criança, a vontade de ensinar e construir conhecimento, de estar em constante interação com outras pessoas e de realizar uma atividade profissional prática, aspectos vivenciados não somente na docência, foram desejos que se sobrepuseram à todas as questões postas e que o motivou a seguir com a carreira docente.

Ainda tratando a respeito do que motivaram os professores a buscarem o curso de Pedagogia, o professor Antônio destaca que o curso de Pedagogia não era a sua primeira opção de curso e busca profissional, nesse sentido ele fala:

Na verdade, eu não escolhi estar no curso de pedagogia, a pedagogia que me abraçou e me escolheu [...] Eu tinha feito o meu primeiro vestibular e tinha como primeira opção cursar de arte e mídia pela UFCG e enquanto eu tentava outros cursos na área de artes, publicidade e propaganda, teatro... que eram áreas que estavam na minha cabeça muito formuladas que era o que eu queria seguir, eu fui beneficiado pela Bolsa do ProUni no curso de Pedagogia. (Professor Antônio)

Assim, podemos observar que a discussão apresentada anteriormente permeia a trajetória de profissionais que buscam na docência uma opção profissional. Incertezas, dúvidas e desvios de objetivo são apenas algumas das questões que surgem e fazem com que essa trajetória não seja um processo de escolha tranquilo.

O professor Antônio também relata que quando decidiu cursar Pedagogia não sabia bem como o curso iria funcionar na prática: “Então iniciei o curso de pedagogia muito sem essa pretensão... assim sem entender, né? o que era aquela área e o que eu pretendia a partir disso” (Antônio). No entanto, com o passar do tempo e vivenciando o curso, decidiu que seguiria na Pedagogia, que seguiria sua carreira profissional.

Então quando eu digo que a pedagogia me escolheu é porque eu me apaixonei realmente pelo curso nos momentos do estágio supervisionado em educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental e no estágio supervisionado III sobre gestão, então eu tive toda essa incursão e fui realmente assim... mordido por esse bichinho que é educação. (Professor Antônio)

Já o professor Raimundo relata uma situação que se diferencia dos relatos dos professores Geraldo e Antônio. Ele diz que fez a sua escolha em cursar Pedagogia diante da primeira oportunidade de iniciar a docência, ainda na etapa do ensino médio. Sobre isso, ele diz: “E por que que eu vou para pedagogia? Digo para todo mundo que foi uma experiência muito motivadora que eu tive no ensino médio quando enquanto monitor de um Programa Federal chamado Mais Educação [...] foi o meu primeiro contato direto com a docência”. O professor ainda acrescenta:

Então quando eu entrei no curso de pedagogia eu já sabia que pedagogo não era ser só professor e eu entrei com esse... com esse foco de dizer assim: “vou ser pedagogo, mas eu não preciso necessariamente ser professor, eu posso trabalhar na secretaria da escola, posso ser gestor, posso ser coordenador, né?” [...] E aí a pedagogia me encontrou não só pelo meu potencial de ser professor desde o ensino médio, mas também pelas diversas áreas de atuação que eu teria para escolher após o término do curso (Professor Raimundo)

É possível perceber no relato do professor Raimundo que suas vivências durante o ensino médio o motivou a buscar a Pedagogia, não somente pelo interesse em ser professor, mas por entender que além de ser professor, a formação no curso poderia dar a ele diversas oportunidades para além do processo de ensino e aprendizagem mediando dentro de sala de aula. É interessante perceber também que, diferentemente do professor Geraldo, que durante a sua trajetória no ensino médio vivenciou situações que o puseram longe da escolha pelo curso

de Pedagogia, o Professor Raimundo pôde ter a sua possível inclinação em ser professor potencializada através de uma experiência que positivava à docência.

Professor Vicente pontua que o que o motivou a buscar o curso de Pedagogia foi o desejo por maiores qualificações que impactassem positivamente no trabalho que já desenvolvia como professor na Educação Infantil.

Bem, a minha motivação na escolha do curso de pedagogia foi justamente buscar me qualificar, buscar uma formação mais condizente com as minhas funções dentro das instituições de educação infantil, então foi para me qualificar... me qualificar e oferecer um serviço... prestar um serviço e um trabalho de melhor qualidade para os alunos. (Professor Vicente)

Diante dos relatos, podemos observar que o processo de escolha da profissão docente não se trata apenas de um caminho fácil ou desejado pela maioria das pessoas. Ao contrário, a decisão de se tornar professor envolve uma série de reflexões, ponderações e influências que podem variar de acordo com as experiências individuais e o contexto social em que se está inserido.

De acordo com Silva (2014), é importante considerar que a escolha da profissão docente geralmente demanda um certo interesse pelo processo de ensino-aprendizagem, além de uma motivação intrínseca para compartilhar conhecimento e contribuir para o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos estudantes. No entanto, é evidenciado que a construção dessa vontade pode ser influenciada por diferentes fatores ao longo do tempo. Além disso, a falta de reconhecimento social, as condições de trabalho muitas vezes problemáticas e adversas, as baixas remunerações e as questões emocionais envolvidas na docência são aspectos que podem influenciar a decisão de seguir ou não essa carreira.

Nessa direção, buscamos aprofundar a discussão sobre a formação no curso de Pedagogia e foi perguntado aos professores **se durante o processo de formação no curso de Pedagogia chegaram a pensar que o curso não seria um lugar para eles pelo fato de serem homens**. O professor Geraldo fez a seguinte fala em relação à pergunta:

O curso... o curso em si não, mas eu já questionava como seria na realidade da profissão, porque a gente vê que as turmas são formadas 80%, 90% de mulheres, né? [...] acho que a turma que eu concluí só tinha três homens. (Professor Geraldo)



De fato, as turmas dos cursos de Pedagogia são formadas na sua grande maioria por mulheres e os homens sentem um certo estranhamento quando adentram o curso e percebem essa realidade.

Professor Antônio se expressa de maneira similar à fala do professor Geraldo, e coloca de maneira clara que sentiu que o curso de Pedagogia não seria um lugar para ele pelo fato de ser homem. O professor ainda levantou uma questão relevante a respeito da orientação sexual. Ele diz que:

Sim! Em muitos momentos, salas lotadas e a gente conseguia contar quantos homens tinham e uma particularidade também, falo pela minha experiência com os meus colegas de turma, desses homens, a sua maioria eram gays... mesmo... sabe? [...] não trazendo essa questão da orientação sexual, mas o que eu queria problematizar é que a gente não percebia, por exemplo, homens héteros casados. A gente percebia que a maioria, pelo menos da minha sala os homens que tinham, nós todos éramos gays. (Professor Antônio)

Durante o curso de Pedagogia muitos homens acabam desistindo de estarem no curso por se sentirem deslocados tanto no espaço físico quanto na construção das discussões projetadas no curso de modo geral. Outra questão que pode surgir com frequência é justamente voltada para a orientação sexual desse homem e como ele pode ser visto socialmente. Em muitos casos, por esses motivos muitos homens acabam optando pela desistência do curso.

Outros, por outro lado, decidiram continuar transgredindo a norma e se colocando frente a essas questões. Como é o caso do professor Raimundo que mesmo percebendo a pouca quantidade de homens com uma certa estranheza, persistia.

No início do curso me causou o estranhamento em na maioria absoluta da turma ser do sexo feminino, mas não foi um desconforto que me fez pensar em desistir do curso ou cogitar mudar de curso, não [...] Sabíamos dos estereótipos que tinha, sabíamos inclusive dos preconceitos que existiam do lugar do homem da Educação Infantil e no ensino fundamental, sobretudo nos primeiros anos dos anos iniciais, mas aí decidimos seguir e tentar mostrar que para tudo existe uma exceção e que não era bem assim como as pessoas pensavam. (Professor Raimundo)

Da mesma maneira, o professor Vicente também notou a pouca representação de homens no curso de Pedagogia e evidencia esse ponto quando diz:

Não! Em nenhum momento apesar de ser um curso, digamos assim... majoritariamente feminino, mas em nenhum momento eu não achei que não deveria estar ali por ser homem por ser do gênero masculino não em nenhum

momento muito pelo contrário foi o curso é o curso que eu me identifico muito [...] pelo contrário fui muito bem recebido pelas minhas colegas e tive um relacionamento interpessoal com elas muito bacana. (Professor Vicente)

A construção das discussões nos cursos de Pedagogia, muitas vezes são organizadas por perspectivas femininas, abordando questões relacionadas ao gênero e às relações sociais de poder. Embora essas discussões sejam fundamentais para uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais e da igualdade de gênero, é importante que haja espaço para a reflexão sobre a diversidade de experiências e vivências masculinas na docência. Castro e Santos (2016) dizem que pensar o curso dessa maneira implica em repensar práticas e abordagens que possam perpetuar estereótipos de gênero e em promover uma educação que reconheça e valorize as contribuições dos homens na docência, bem como as especificidades do seu percurso profissional.

Em síntese, a desistência de homens no curso de Pedagogia e a sensação de deslocamento e de não pertencimento evidenciam a necessidade de repensar práticas e discursos que perpetuam a ideia de que a docência é exclusivamente feminina. É preciso promover ambientes inclusivos e estimulantes, que valorizem a diversidade de experiências e vivências masculinas na educação, para que os homens possam se sentir pertencentes e assumir seu papel enquanto educadores na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. É necessário também que os cursos de Pedagogia ofereçam uma reflexão aprofundada sobre as questões de gênero na educação, estimulando os futuros profissionais a compreenderem e enfrentarem os desafios e preconceitos que possam surgir em sua prática docente.

#### **4.2 “Às vezes eles me chamavam de tia”: o pedagogo homem e a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental**

Ao escolher atuar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o pedagogo homem enfrenta desafios específicos de atuação nessas etapas do ensino básico, como o rompimento de estereótipos perpetuados ao longo do tempo que associam a docência a uma profissão feminina. A sociedade muitas vezes atribui ao homem valores ligados a atividades consideradas mais "masculinas" e restringe sua participação na etapa da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o que pode gerar dúvidas e questionamentos sobre sua escolha profissional.

Castro e Santos (2016) destacam ser fundamental que as instituições de ensino, os colegas pares docentes e a comunidade escolar de modo geral reconheçam e valorizem a

presença do pedagogo homem na docência da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. É preciso criar um ambiente acolhedor e respeitoso, onde a diversidade de gênero seja celebrada e as experiências e vivências dos docentes homens sejam valorizadas.

Nessa direção, foi perguntado aos quatro professores quais seriam **as motivações deles para terem escolhido à docência na Educação Infantil ou nos anos iniciais no Ensino Fundamental**. É importante destacar que essa pergunta especificamente foi conduzida diante da etapa de ensino que cada um dos professores está atuando ou que atuaram por um longo período. Desse modo, frente à pergunta, o Professor Geraldo disse:

Como eu não tinha nenhuma vivência nem no fundamental... eu tinha vivência no PIBID e no estágio, só isso. Que não é muita coisa. Foi a quantidade de vagas oferecidas no concurso do fundamental tinha menos vagas e na Educação Infantil tinham mais vagas, então não foi nada específico [...] eu acho que qualquer área que eu optasse, eu estaria satisfeito seja na Educação Infantil ou no ensino fundamental. (Professor Geraldo)

A fala do professor Geraldo denota o seu desejo em estar efetivamente imerso na docência para além das vivências propiciadas no momento da formação, vivências as quais ele considera insuficientes. Por este motivo, o professor buscou efetivar-se na Educação Infantil sem uma motivação específica, mas por perceber que teria mais chances nessa etapa de ensino na qual oferecia mais vagas no concurso público.

O professor Antônio considerava que a base teórica adquirida durante seu processo de formação, de algum modo se colocava insuficiente com relação a prática. Então, o que o motivava era a busca por estar completamente imerso na prática do trabalho docente. Isso é evidenciado quando ele coloca que: “A motivação inicial, sendo bem honesto, foi a experiência com o ensino porque a gente sai do curso com aquela base teórica [...] a gente sai na verdade habilitado e não qualificado, tem uma diferença em relação a esses dois processos”.

O professor Antônio ainda acrescenta:

Então a minha motivação inicialmente é pela experiência e também por ver naquele momento quando eu fiz o concurso em 2013, 2014 a ascensão dos pedagogos nos concursos, em todas as regiões naquele momento tinha concurso para pedagogo seja o para docência da Educação Infantil ou nos anos iniciais, coordenação, orientação e supervisão. (Professor Antônio)

O professor deixa claro em sua fala que ele buscava estabilizar-se na docência e que por isso buscou nesse período de ascensão dos concursos públicos uma possibilidade de se estabelecer como docente.

Já o professor Raimundo, deixa evidente em sua fala que seguir carreira na docência, seja na Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental, não era um desejo naquele momento em que terminou a sua graduação. Segundo ele: “Quando conclui o curso de pedagogia eu não desejei naquele momento ser professor, eu quis seguir a minha carreira acadêmica, inclusive, segui”.

No entanto, paralelo ao mestrado, o professor havia prestado um concurso público e com algum tempo depois foi convocado a assumir a vaga de professor:

E aí só em 2021 é que eu sou convocado para assumir o concurso público e quando abre o concurso público a gente tem uma a opção de escolher entre educação infantil e anos iniciais, eu escolhi os anos iniciais pela minha... por ter menos dificuldade em trabalhar com crianças um pouco maiores...  
(Professor Raimundo)

O professor destaca que sua escolha para atuação nos anos iniciais era algo que desejava já no momento em que prestava o concurso e essa escolha se dava pelo fato de se sentir mais à vontade na atuação docente nessa etapa de ensino e que para além dos anos iniciais, ele desejava atuar nos últimos anos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Isso fica mais evidente quando o professor coloca que:

Desde quando eu entro nos anos iniciais, apresentei como preferência na escola, trabalhar com as turmas de terceiro, quarto e quinto ano, por uma questão de adaptação minha mesmo que tinha dificuldade de trabalhar com crianças menores [...] No concurso a possibilidade eram essas ou educação infantil ou anos iniciais e no contexto de preferência minha, eu priorizei os anos iniciais... por questão de adaptação, em me sentir mais preparado, mas confortável para assumir a docência. (Professor Raimundo)

A atuação docente com crianças que estão nas turmas de 3º, 4º e 5º anos, dada a idade delas, é possível dizer que é o trabalho se torna um trabalho mais técnico, centrado no desenvolvimento dos conteúdos necessários à etapa de ensino, exigindo menos contato afetivo como na Educação Infantil e nos primeiros anos do ciclo de alfabetização, séries essas que exigem do professor uma postura mais afetiva e de cuidado, posturas que comumente não são destinadas a homens.

Já o Professor Vicente destaca que de sua maior motivação para a atuação por vários anos da Educação Infantil, o contato com os estudantes e com os pares docentes, foram as suas maiores motivações para seguir na docência da Educação Infantil. Sobre tal ponto ele diz:

O que me manteve durante cinco anos na Educação Infantil foi o próprio contato com as crianças... com os alunos, com os professores... (Professor Vicente)

Ao mesmo tempo, o professor também reconhece que a etapa da educação Infantil é uma etapa desafiadora e que carrega problemas ligados às questões de gênero e atuação docente.

Apesar de ser a educação infantil ser uma etapa um pouco desafiadora ainda mais quando se recebe homens da educação infantil, mas o que me manteve foram as relações interpessoais com os professores, com os alunos com os funcionários [...] a educação infantil e o curso de pedagogia é um curso e o ambiente ainda muito formado pelo... gênero feminino... Então eu acho que na própria sociedade quando se recebe Professor homens ainda existe o certo tabu. (Professor Vicente)

O relato do Professor ressalta a importância das relações interpessoais como fator determinante para a sua permanência na educação infantil. As interações com os colegas de trabalho, com os estudantes e os demais funcionários, foram fundamentais para que ele se sentisse acolhido e integrado ao ambiente. Isso evidencia que, apesar das barreiras impostas e os tabus em relação aos professores homens, as relações humanas podem superar esses obstáculos e criar um ambiente de respeito, colaboração e aprendizado mútuo.

Em suma, as falas dos professores a respeito das motivações que os levaram a atuarem na Educação Infantil e nos anos Iniciais do ensino Fundamental, evidenciam a existência de desafios e tabus relacionados à presença de homens na educação infantil, mas também destacam a importância das relações interpessoais como fator de apoio e motivação, a vontade de participar efetivamente do processo de ensino e aprendizagem e ao fato de estarem seguros no que desejam no ponto de vista de atuação docente.

Diante disso, foi perguntado aos professores **como eles se viam atuando na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental carregando com eles o fato de serem homens**. Assim como na pergunta anterior, é importante destacar que essa pergunta foi conduzida diante da etapa de ensino que cada um dos professores está atuando ou que atuaram por um longo tempo. Em vista disso, o Professor Geraldo diz:

Ó... eu confesso que no início para mim foi um choque de realidade. Eu sou o único homem professor na escola. Na escola que eu trabalho todos são mulheres e por isso já tem um peso e por ser homem gay tem outro peso, né? [...] quando entrei a primeira coisa que eu pensei foi como as crianças iriam me receber, elas estavam acostumadas a estudarem com mulheres e aí eu imaginei que teria uma resistência. (Professor Geraldo)

A colocação do Professor Geraldo revela sua experiência ao perceber ser o único professor homem em uma escola composta majoritariamente por mulheres. Somado a isso, ele menciona o fato de ser um homem gay, o que adiciona outra camada de complexidade às suas expectativas e receios em relação à forma como seria recebido pelas crianças e pela comunidade escolar de maneira geral.

Sobre tal ponto, é importante trazer à luz uma afirmação de Molinier e Lang (2009, p. 102) que diz:

Aos “verdadeiros” homens, aqueles que mostram em tudo e sobre tudo uma imagem e comportamentos considerados viris, os privilégios da honra, do poder, da colocação das mulheres à disposição doméstica e sexual... Aqueles que não conseguem adotar uma atitude viril ou a quem os outros homens negam a virilidade (os fracos, os designados como homossexuais, os mais jovens etc.), embora permanecendo dominantes diante das mulheres, sofrem agressões e violências dos outros homens, inclusive violências sexuais.

Portanto, percebemos que se por um lado, o perfil masculino ligado à virilidade, a rigidez e a brutalidade na atuação na Educação e nos anos iniciais do Ensino Fundamental pode ser um problema, o oposto disso também se torna um problema e o homem passa então a ter a sua orientação sexual e a sua idoneidade questionada juntamente com suas competências profissionais. “Outra marca da docência masculina na educação infantil está ligada aos comportamentos sexuais - o homem “meio homem” - o gay e o medo da pedofilia” (SILVA, 2014, p. 103).

A superação desses desafios requer a construção de novos caminhos na atuação docente de professores homens, uma abordagem sensível com esses sujeitos e a promoção de um ambiente escolar acolhedor e diverso. A superação dessas ideias ontológicas de construção do gênero e da masculinidade, incluindo a orientação sexual, também precisa ser considerada para garantir uma educação inclusiva e igualitária.

Ainda a respeito da percepção que esses homens têm deles mesmos frente às suas atuações enquanto professores homens atuando na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o Professor Antônio diz: “Eu me vejo hoje de uma forma muito confortável”, e acrescenta:

Em uma das primeiras semanas de aula a gente tinha aquele momento assim de um certo impacto para eles, as vezes eles me chamavam de tia e muitas

vezes esse “tia” saía assim sem querer de forma natural [...] (Professor Antônio)

O relato do professor revela um cenário comum na docência da Educação Infantil, no qual os estudantes tendem a chamar os professores homens de "tia" por hábito ou por associação com o estereótipo de que apenas mulheres podem exercer essa função. Esse equívoco na maneira dos estudantes falarem com os professores, embora inicialmente possa gerar um certo impacto, ocorre de forma natural e espontânea por parte das crianças.

O Professor Raimundo em sua colocação a respeito da pergunta, apresenta sua perspectiva de como imaginava que seria a sua recepção na escola. Ele atribui essa sua perspectiva ao fato da ideia pré-concebida que ele tinha de que a atuação do professor homem nos anos iniciais. Então ele diz:

Quando eu entrei na escola eu esperava que eu não fosse tão bem recepcionado [...] na primeira representação que eu tinha do pedagogo dos anos iniciais, eu achei que haveria espanto, que haveria um desconforto, que eu não fosse bem recebido pelos pais ou pela direção da escola [...] (Professor Raimundo)

Entretanto, o professor destaca que o momento de recepção foi completamente diferente do que ele imaginava que seria. Isso fica evidente quando relata: “Tive a grata surpresa de ser recebido com festa na escola. As pessoas adoraram a ideia de ter um pedagogo dando aula, os alunos ficaram encantados”, e ainda acrescenta que:

Eles (os alunos) nunca tinham tido um professor do sexo masculino, um professor homem para eles ali ministrando aula [...] quando eu entro na sala eles ficam surpresos eu acredito que eles tiveram mais foco, prestaram mais atenção, porque eles querem saber e querem viver aquela realidade o que era ter um professor do sexo masculino e isso para mim, me tocou porque eu me senti mais abraçado, me senti mais acolhido por aquele ambiente [...] (Professor Raimundo)

A colocação do professor destaca a importância da presença de professores do sexo masculino na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental e o impacto positivo que isso pode ter nos estudantes. Ao mencionar que os estudantes nunca haviam tido um professor homem antes, a sua fala evidencia a raridade dessa experiência para eles, o que pode despertar sua curiosidade e interesse. Com efeito, a presença de um professor homem na sala de aula pode trazer uma perspectiva diferente e enriquecedora para o ambiente educacional. Os alunos, ao se depararem com essa nova realidade, podem se mostrarem mais motivados a conhecer e vivenciar uma experiência educativa com um professor homem. Essa novidade pode

despertar o interesse e a atenção dos alunos de uma maneira única, estimulando a participação e a dedicação nas atividades escolares.

O professor Vicente destaca seu apreço pela atuação na Educação Infantil e os aspectos positivos que ele encontrou nessa experiência profissional que exerceu por anos.

Bem, eu gostei bastante... assim no sentido de educação infantil eu gostei dos desafios, eu gostei das convivências, gostei de estar atuando naquele ambiente educativo da primeira etapa da Educação Básica, enfim... foi um processo que eu considero engrandecedor para a pessoa e para o profissional que eu sou hoje. (Professor Vicente)

Evidencia-se então, a afinidade do professor com a Educação Infantil e a valorização dos aspectos que eram desafiadores dessa experiência. Sua percepção positiva e o reconhecimento dos benefícios pessoais e profissionais obtidos demonstram a motivação que ele encontrou ao atuar nesse contexto educacional. Em suma, seu relato ressalta a importância de valorizar e promover a Educação Infantil como uma etapa fundamental da formação dos estudantes e da atuação dos profissionais da educação.

Contudo, diante dos relatos, podemos ver a presença de professores homens na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental como uma possibilidade de oferecer modelos e referências positivas para os alunos, especialmente para aqueles que podem ter a imagem de figuras masculinas ausentes em suas vidas. A presença de um professor homem pode contribuir para a construção de identidades saudáveis e equilibradas, mostrando aos estudantes diferentes formas de ser homem e rompendo com estereótipos de gênero preconceituosos. Para tanto, superar os estereótipos de gênero e promover a valorização da diversidade na educação são passos necessários para construir um ambiente inclusivo e que reconheça a contribuição dos professores homens nessa etapa crucial da formação dos estudantes.

#### **4.3 “Ligou para uma rádio ‘denunciando’ que havia homens nas creches”: preconceito e discriminação presentes na inserção de homens pedagogos na docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental**

Esse tópico especificamente é guiado por perguntas que buscavam dos professores entrevistados, momentos em suas trajetórias que expressassem de alguma maneira a ocorrência de algum tipo de preconceito de gênero vivenciado por eles no exercício da docência da



Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas também é guiado de recortes de respostas a outras perguntas as quais eram expressadas essas notas de preconceitos.

As colocações dos professores a respeito de alguns momentos de preconceitos e discriminações vivenciadas por eles no exercício da docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, chamam a atenção. Os relatos também acentuam pontos fundamentais a serem discutidos sobretudo com relação a afetividade dos professores homens com os estudantes nessas etapas do ensino básico.

Os professores também avaliaram a pertinência do debate sobre gênero e masculinidades e das discussões a respeito do processo de inserção de homens pedagogos na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ramos (2011) acentua que inserção de homens pedagogos na docência nessas etapas da educação é um avanço importante na quebra de estereótipos de gênero e na promoção da igualdade dentro das escolas e por consequência na sociedade. A ideia é de que ao inserirem-se nesse contexto da Educação, os homens estariam de maneira consciente ou inconscientemente quebrando por dentro o sistema sexista estabelecido por eles próprios.

O que um dos professores entrevistados, o professor Vicente relatou quando foi perguntado se já havia **sofrido algum tipo de preconceito, constrangimento ou discriminação enquanto atuava na docência da Educação Infantil por ser homem** foi o relato mais chocante de violência e preconceito explícito obtido nas entrevistas. O professor relatou que:

Sim! Chegou a acontecer no início da carreira é... para falar a verdade, no meu primeiro dia [...] O caso foi assim: uma mãe estranhou e fez uma ligação para uma rádio da cidade, enfim... houve esse momento que eu mais me lembro... assim, nessa situação foi isso, foi essa mãe no primeiro dia do meu trabalho que ela estranhou ter homens nas creches e ligou para uma rádio denunciando que havia homens nas creches. (Professor Vicente)

Percebemos no relato do professor que não só a sua idoneidade, sua imagem e seu profissionalismo foi atacado e violentado naquela situação, mas a sua carreira profissional poderia nessa ocasião, poderia ter sido prejudicada. A atitude da mãe, ao denunciar a presença dos profissionais docentes homens, reflete a existência de uma visão estereotipada de que o cuidado e a Educação das crianças são exclusivamente responsabilidade de mulheres. Essa concepção limitada e discriminatória nega a capacidade dos homens de exercerem um papel ativo e importante na Educação Infantil.

Essa “denúncia” pública sofrida pelo Professor Vicente poderia criar um clima de hostilidade e desconfiança em relação a ele por parte de outros pais, colegas de trabalho, dos próprios alunos e até mesmo da comunidade escolar em geral. Isso pode levar a um ambiente de trabalho desfavorável, com possíveis isolamento, exclusão e dificuldades de interação com os demais envolvidos no contexto educacional. O professor poderia ainda ter sido alvo de julgamentos infundados e estereotipados da docência exercida por homens, como associações equivocadas entre a presença masculina e a ocorrência de situações, como abuso sexual e assédio.

Diante do relato, foi perguntado ao Professor Vicente como ele recebeu aquela situação e como foi resolvida. O professor se mostrou um pouco pensativo por talvez ter revisitado o momento em suas memórias e respondeu que não havia muito o que fazer naquele momento e que no fim entendeu a atitude da mãe atribuindo essa atitude ao fato de que a mãe estaria acostumada a ver, naquele espaço, somente professoras mulheres.

Mas por outro lado, é importante destacar que a necessidade de relevar essa questão indica que o professor pode ter enfrentado desafios e dificuldades relacionados à quebra dos estereótipos de gênero e à construção de sua identidade profissional. A pressão social e a existência de padrões de gênero podem influenciar a forma como o professor é percebido pelos demais profissionais da área, pelos pais e pelos próprios alunos.

O Professor Geraldo também demonstra passar por situações que evidenciam o preconceito e os estereótipos de gênero. O professor que atua também na Educação Infantil, destaca em sua fala que está sempre atento a agindo com muito cuidado no contato com as crianças, por perceber e acreditar que os olhares de vigilância na creche em que exerce a docência estão sempre voltados para ele.

[...] então como é que os pais vão me ver na questão do afeto, da questão do cuidado, porque a educação infantil é educar e cuidar. E aí eu tenho muito cuidado com este cuidado, na troca de afeto [...] eu sou muito receoso quando a criança vem me abraçar, quando a criança pede colo para mim porque existem muitos olhares voltados para mim na escola e muito desses olhares são julgadores pela figura que eu represento, né? (Professor Geraldo)

O relato do Professor Geraldo traz à tona uma preocupação legítima e sensível em relação à forma como ele é percebido dentro do espaço escolar de Educação Infantil. Ele expressa a consciência de que, devido às expectativas sociais e aos estereótipos de gênero arraigados, sua interação afetiva com as crianças pode ser interpretada e julgada de maneira equivocada, e que por isso “tem muito cuidado com esse cuidado”. O medo de ser mal

interpretado ou alvo de críticas pode levar o professor a adotar uma postura mais cautelosa em relação ao contato físico e à demonstração de afeto, mesmo que isso possa restringir a expressão genuína de cuidado e afeto que é tão importante no ambiente educacional. O professor Geraldo ainda acrescenta que toda a cautela que toma com medo de olhares e julgamentos é uma questão dolorosa para ele.

[...] é doído porque a gente fica tentando conter uma certa afetividade, a gente não vai além do que a gente poderia ir devido esses olhares julgadores... com medo de ser julgado, né? [...] a gente não sabe como é que o outro vai estar vendo o nosso afeto como uma criança. Eu sempre fico... eu sempre tento conter mais esse afeto com as crianças que é algo que pesa muito também.  
(Professor Geraldo)

A colocação do professor revela a angústia e a limitação que ele enfrenta ao tentar controlar a expressão de afeto com as crianças devido aos olhares julgadores e ao medo de ser mal interpretado. É evidente que essa ideia de frear a expressões de afeto é dolorosa, pois impede que ele vá além do que poderia em termos de estabelecer vínculos afetivos com os estudantes. Essa contenção afetiva pode ser prejudicial tanto para o professor quanto para os estudantes, pois o afeto desempenha um papel importante no desenvolvimento infantil, na construção de vínculos de confiança e na promoção de um ambiente acolhedor e seguro para a aprendizagem.

O Professor Antônio, que atuou por um longo tempo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, também destaca em um momento da entrevista, algo semelhante ao que foi posto pelo Professor Geraldo. Professor Antônio diz: “[...] o abraçar, o beijar que a tia geralmente tem esse afeto físico muito relacionado.... a gente tem uma certa dificuldade de estabelecer esses laços”. Assim como na Educação Infantil, a etapa dos anos iniciais do Ensino Fundamental tem sido historicamente e culturalmente associada a um espaço predominantemente feminino, com a presença de professoras e cuidadoras que desempenham um papel afetivo na vida das crianças. Essa associação entre afeto físico e a figura da mulher pode gerar desconforto e insegurança para os professores homens, que podem se sentir deslocados ou receosos de serem mal interpretados.

Já o professor Raimundo, que exerce a função de professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental, diz nunca ter sofrido nenhuma situação de preconceito, discriminação ou constrangimento pelo fato de ser homem atuando nessa etapa de ensino básico. Entretanto, ele acentua que:

[...] as pessoas diziam que eu poderia sofrer, mas eu nunca cheguei a sofrer, mas as pessoas diziam: “Ó se você for trabalhar na educação infantil vai ser mais delicado, por exemplo, para você dar banho nas crianças, se você for trabalhar numa creche os pais não vão gostar, os professores vão ficar assim... assado... se você for trabalhar do primeiro ano do ensino fundamental mesmo assim você precisa dar um carinho colocar aquela criança do colo [...] (Professor Raimundo)

No imaginário social, o professor Raimundo vivenciaria situações semelhantes ao que foi vivenciado e relatado pelos professores Geraldo, Antônio e Vicente. Essas preocupações de terceiros são baseadas em noções preconcebidas e perpetuadas ao longo do tempo sobre papéis de gênero e expectativas sociais arraigadas na Educação. A ideia de que um homem cuidando de crianças pequenas ou demonstrando afeto pode ser mal interpretado ou desaprovado reflete uma visão limitada da masculinidade e reforça estereótipos de gênero que associam cuidados e afeto exclusivamente a mulheres, como acentuamos exaustivamente neste trabalho.

No entanto, no relato do professor Raimundo é possível ver um “facho de luz no fim túnel” em que se encontra toda essa discussão, pois apesar das expectativas negativas, o professor destaca que nunca enfrentou problemas reais ou sofreu discriminação em seu trabalho. Isso sugere que muitas vezes os medos e preconceitos estão mais sob uma seara de limitações de entendimento de como se organiza o contexto educacional e a construção dos saberes do que a realidade, e que a atuação dos professores homens na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental pode ser bem-sucedida e valorosa.

Nessa direção, foi perguntado aos professores, **como eles avaliavam a importância do debate de gênero dentro na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental sob a perspectiva de discutir a presença desses homens dentro dessas etapas de atuação.**

Para tanto, o professor Geraldo destaca que:

É uma questão que é extremamente relevante para ampliar esse acesso aos homens, porque existe esse receio de nós homens nos inserirmos no contexto da educação infantil, exatamente pela questão do afeto, do cuidado ser mais intenso do que no ensino fundamental [...] Então o debate pode permitir que as pessoas reflitam mais sobre essas questões, que elas possam ampliar os seus olhares e verem que o pedagogo, o homem, ele pode ter acesso a qualquer nível, qualquer etapa, se competente nisso que ele faz [...] então é muito importante para que também os estudantes de pedagogia, homens, não tenham receio de estarem nesses espaços também. (Professor Geraldo)

Nesse sentido, a presença de homens na docência dessas etapas educacionais desafia as normas tradicionais de gênero, que historicamente, culturalmente e politicamente associaram o

cuidado e a educação dos estudantes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental ao papel feminino. Ao abrir espaço para a discussão e reflexão sobre a presença desses homens, reconhecemos a importância de diversificar o corpo docente e proporcionar referências positivas de masculinidade na Educação.

Além disso, ao incentivar a presença de estudantes homens no curso de Pedagogia que poderão ir para a docência, estamos proporcionando uma diversidade de referências e modelos para as crianças. Isso se mostra relevante em um contexto em que a maioria dos presentes no curso de Pedagogia e na atuação profissional da área são mulheres.

Professor acentua a importância do debate já nos cursos de licenciatura e principalmente no curso de pedagogia.

É um debate muito instigante e provocador também para que a gente pense o nosso lugar. É algo que deveria ser também pauta e palco nos próprios cursos de licenciatura principalmente de pedagogia. Não existe esse debate assim, de uma maneira tão clara, tão evidente como vocês propuseram a fazer nesse trabalho. Então considero muito oportuno para que a gente possa pensar esse lugar e também pensar não apenas nessa condição de ser homem mas na condição de homens no plural, por que a gente pode pensar nesse homem que é lgbtqi+ ou nesse homem hétero, casado e que tem uma vida dentro do padrão social que se espera ou desse homem que escolheu essa profissão inicialmente por uma falta de opção ou pelo homem que escolheu essa profissão por perceber que era uma profissão que ele poderia ganhar mais. (Professor Antônio)

Ao promover esse debate, é possível desvelar as diferentes experiências e perspectivas dos homens que escolhem estar nos cursos de pedagogia e seguirem a carreira da docência, proporcionando um espaço de reflexão e compreensão mais profunda de suas trajetórias. Isso contribui para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, permitindo uma visão mais ampla e inclusiva da diversidade de identidades e vivências masculinas. Para Silva (2014), esse debate nos convida a repensar as estruturas sociais e culturais que moldam nossas percepções sobre gênero e educação, buscando construir um ambiente educacional mais igualitário, diverso e enriquecedor para todas as crianças.

O professor Raimundo elucidou que:

Trabalhos desse tipo nos aproxima de uma realidade, de uma realidade concreta de que todos os espaços são para todas as pessoas que queiram ali estar [...] trabalhos como esse pode trazer a luz essas possibilidades de atuação profissional, longe dos parâmetros discriminatórios e preconceituosos pode fomentar e alimentar a nossa motivação em prosseguir e concluir o curso de pedagogia, por exemplo [...] acredito que trabalhos assim fazem a gente prosseguir no curso, concluir o curso e exercer uma profissão com dignidade

competência, profissionalidade, com alegria, com amor e com afetividade, que são elementos essenciais para a gente ser então não só um professor, mas para ser um bom professor. (Professor Raimundo)

Sobre o mesmo contexto, o professor Vicente destaca:

Eu considero bastante importante ter um homem na educação infantil, até porque isso não torna mais ou menos homem as funções educativas e de cuidado elas são importantes tanto para mulheres quanto para homens [...] é importante sim haver debates sobre a participação do gênero masculino tanto na educação infantil quanto dos anos iniciais do ensino fundamental até para ver a quebra de certos tabus que ainda existem muito na nossa sociedade. (Professor Vicente)

Como já posto, poder contar com homens atuando como educadores, é uma possibilidade de romper com estereótipos de gênero que limitam as possibilidades de desenvolvimento e expressão tanto de meninos quanto de meninas nas etapas da educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A presença masculina nessas etapas de ensino contribui ainda para a quebra de tabus de gênero e masculinidade e abrem caminhos para uma sociedade mais igualitária e diversa.

Dessa forma, poderemos avançar na desconstrução de preconceitos, superar barreiras e promover uma educação inclusiva e de qualidade, na qual todos os alunos tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Eu queria que você visse o que é realmente coragem, em vez de pensar que coragem é um homem com uma arma na mão. Coragem é quando você sabe que está derrotado antes mesmo de começar, mas começa assim mesmo, e vai até o fim, apesar de tudo. Raramente a gente vence, mas isso pode até acontecer.”*

**Harper Lee**

No decorrer deste trabalho, foi possível compreender e explorar as diversas nuances presentes na formação e de inserção de homens pedagogos na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo de compreender esse processo permitiu identificar desafios, preconceitos, barreiras, mas também muita resiliência que permeiam a atuação dos profissionais homens na docência.

Verificou-se que, no processo de inserção, os homens enfrentam questionamentos da sociedade e até mesmo dos próprios professores homens. No entanto, constatou-se também que, apesar das adversidades, esses homens estão dispostos a seguir atuando na docência e a se envolverem nos diversos processos educacionais.

Ao investigar as motivações que levam os homens a escolher a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, evidenciou-se que há diversas razões para essa escolha. Entre elas, destaca-se a vontade de atuar como docente e de estar envolvido no processo de ensino e aprendizagem, simplesmente por ser o que desejam fazer.

A análise do impacto da presença desses homens na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental revelou que, segundo os relatos dos pedagogos entrevistados, o impacto ainda é visto mais como negativo do que positivo. No entanto, é possível observar o engajamento desses homens em mostrar que sua presença no espaço educacional com crianças pequenas deve ser valorizada.

Quanto à influência dos estereótipos de gênero associados à profissão de professor na escolha dos homens em ingressar na docência da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, percebeu-se que, embora eles tenham vivenciado a disparidade de gênero durante o curso de Pedagogia, isso não afetou suas decisões futuras. Esses homens não consideraram o ambiente majoritariamente feminino como um fator determinante para desistir da profissão.

Com efeito, é pertinente retomar a questão problema proposta: Como os homens pedagogos percebem a sua inserção na docência da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Através da análise dos dados coletados e das discussões realizadas, a questão foi abordada e respondida, contribuindo para um maior entendimento sobre o tema das masculinidades na docência.

Como estudante e docente homem, realizar esta pesquisa foi uma experiência enriquecedora e importante. Permitiu-me aprofundar meu entendimento sobre a inserção de homens na docência e refletir sobre a importância de discutir e debater questões de gênero e masculinidades no campo da Educação. Em um determinado momento da pesquisa acreditei que os sujeitos, além dos professores Geraldo, Antônio, Raimundo e Vicente, havia também o professor Ismael.

Para tanto, fica evidente que discussões como essas precisam avançar, tanto dentro dos cursos de Pedagogia, onde deve começar em caráter de urgência como também no campo da Educação em geral. É fundamental promover espaços de diálogo e reflexão sobre gênero, incentivando a participação de homens na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, é crucial que durante a formação acadêmica, os estudantes de Pedagogia tenham a oportunidade de explorar diferentes conceitos e teorias relacionadas à educação e à diversidade de gênero e masculinidade. No entanto, é comum que as discussões de gênero ainda sejam abordadas de maneira superficial ou até mesmo negligenciadas. Isso pode resultar na reprodução de estereótipos de gênero e na perpetuação de normas sociais que limitam as possibilidades de atuação dos homens na área da educação.

Essas discussões podem abordar a representatividade masculina na educação, os desafios enfrentados pelos homens que escolhem essa profissão, as formas de lidar com estereótipos e preconceitos presentes na sociedade e na escola, bem como as práticas pedagógicas que valorizam a igualdade de gênero e a diversidade.

Portanto, ao oportunizar essas discussões desde o curso de Pedagogia, estaremos contribuindo para a formação de profissionais mais conscientes, engajados e preparados para enfrentar os desafios da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, estaremos promovendo uma educação mais inclusiva, igualitária e sensível às necessidades de todos os estudantes, independentemente de seu gênero.

Dito isto, gostaria de finalizar enfatizando que a construção desse trabalho não foi um processo fácil, como disse um brilhante artista brasileiro “Cada um sabe a dor e delícia de ser o que é”. Esse fragmento da música “Dom de iludir”, de Caetano Veloso me permite refletir



que durante muito tempo só eu entendia os processos que me atravessavam e que travaram a minha escrita, que me paralisaram frente ao computador, que intensificavam as cobranças às quais eu mesmo me fazia por estar me colocando como um estudante mediano e por vezes desinteressado, que me faziam fugir de falar da minha pesquisa e colocar tudo anterior a sua conclusão.

Assim como disse um dos professores sujeitos da pesquisa, no desligar das câmeras e dos gravadores, que o processo de construção do Trabalho de Conclusão de Curso deve ser um processo “gostoso de se viver”, eu busquei mecanismos para que assim fossem. Confesso que por muito tempo esse processo de construção foi muitas coisas, menos gostoso. No entanto, eu o concretizei no meu tempo, respeitei minha saúde e os outros processos que estava vivendo paralelos à escrita. No fim das contas, encontrei a parte gostosa dessa trajetória já no apagar das luzes, no momento de campo e de análise. Foi nessa circunstância que eu pude fazer tudo com muita felicidade, dedicação e respeito à pesquisa acadêmica e assim voltei a olhar esse processo com um olhar de amor. Hoje, realizo-me.

## REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ARCE, Alessandra. **Jardineira, Tia e Professorinha**: a realidade dos mitos. 1997, 128 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Neto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior 2013**. Resumo Técnico. Brasília, DF: MEC, INEP, 2013. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/apresentacao/2014/coletiva\\_censo\\_superior\\_2013.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf). Acesso em: 01 jan. 2020.

BRASIL. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. **Caderno de leituras**, n. 75, Rio de Janeiro, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade; tradução de Renato Aguiar. 17ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que Importam**: o Limite Discursivo do Sexo; tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli - São Paulo: Crocodilo, 2019.

CASTRO, Roney Polato de; SANTOS, Vinicius Rangel dos. Relações de gênero na Pedagogia: concepções de estudantes homens. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 7, n. 1, p. 53-76, jan./jun. 2016.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos de Pesquisa**., São Paulo, n. 86, p. 5-14, ago. 1993.

FERNANDES, Dorgival Gonçalves. Questões de gênero na arena da educação e as pautas de torsão e refutação. **Argumentos**: Revista de Filosofia. Fortaleza, ano 11, n. 21, p. 82-93, jan.-jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 2ª. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 44, n. 153, p. 720-741, set. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/198053142824>.

MOLINIER, Pascale e LANG; Daniel Welzer. Feminilidade, Masculinidade, Virilidade In: HIRATA, Helena [et. al.] (orgs). **Dicionário crítico feminino**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero**: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. CORDESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CORDESRIA, 2004.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. **Professor homem**: o estrangeiro na Educação Infantil. Curitiba: APPRIS, 2016.

RAMOS. Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC, Belo Horizonte, 2011.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Peterson Rigato da. **Não sou tio, nem pai, sou professor!**: A docência masculina na educação infantil. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2014.

TORTORA, Evandro. **Professor homem na educação infantil**: conheça os desafios e experiências. Conheça os desafios e experiências. 2021. **NOVA ESCOLA**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/20083/colunas-pedagogicas-21-evandro-tortora-professor-homem-na-educacao-infantil>. Acesso em: 18 out. 2021.

VARGAS, Michely de Lima Ferreira. **Formação e inserção profissional do pedagogo**: o panorama histórico desta carreira e os egressos do curso de Pedagogia presencial da Faculdade de Educação da UFMG. 2016. 297 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AA2H3A>. Acesso em: 02 set. 2020.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002425120>. Acesso em: 02 set. 2020.

VIEIRA, Helena. **Introdução ao pensamento de Judith Butler**, Evento Sympla, ago/set de 2020. Curso on-line. Disponível em: [https://www.sympla.com.br/introducao-ao-pensamento-de-judith-butler-com-helena-vieira\\_940972](https://www.sympla.com.br/introducao-ao-pensamento-de-judith-butler-com-helena-vieira_940972). Acesso em: 05 out. 2020.



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



## APÊNDICE A – Roteiro da entrevista

### Roteiro da entrevista

#### Identificação

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_/\_\_/\_\_ N°: \_\_\_\_\_

1. Quais as suas motivações para escolher o curso de Pedagogia?
2. No seu processo de formação no curso de Pedagogia, você chegou a pensar que o curso não era um lugar para você tendo em vista a sua condição de homem?
3. Quais as suas motivações para escolher a docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental?
4. Como foi a sua inserção na docência?
5. Como você se vê como professor homem na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental?
6. Você acredita que a sua condição de homem influenciou na escolha da sua profissão?
7. Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação por ser um homem na docência da Educação Infantil ou dos anos iniciais do Ensino Fundamental?
8. Como você avalia a importância do debate sobre gênero na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

## APÊNDICE B - Transcrições das entrevistas

### ENTREVISTA 1 – PROFESSOR GERALDO

#### 1. Motivações para a escolha do curso de Pedagogia

Desde criança eu sempre quis ser professor, desde pequeno quando as professoras perguntavam em sala de aula: O que você quer ser quando crescer? Eu sempre falava: Ser professor. E aí elas mesmas questionavam: Ser professor? Por quê? É tão sofrido, você pode ser outras coisas. E mesmo assim... é... eu sempre fiquei nessa ideia de ser professor. Não sabia essas coisas que tinha professor de disciplina, tinha pedagogo, enfim, as áreas do conhecimento. Quando cheguei do ensino médio, eu vivi algumas questões da adolescência mesmo, de não aceitação da profissão. Começou a ter uma feira de ciências na escola e aí ninguém quis ser professor na feira de ciências, nem palestra de professores tinham na feira de ciências. No terceiro ano nós tivemos que fazer a farda e cada um tinha que colocar a sua profissão na farda e ninguém queria ser professor e aí eu tirei da cabeça que queria ser professor e coloquei na cabeça que queria ser fisioterapeuta, não sei porquê mas eu queria ser fisioterapeuta. Fiz o Enem na época e minha primeira opção... eu sempre fugi da pedagogia na verdade, fui fugido da pedagogia e a primeira opção do vestibular que eu fui aprovado eu coloquei para Geografia, mas decidi não cursar. E aí fiz o Enem novamente e saiu o resultado primeiro do ProUni e tinha ganhado uma bolsa integral de fisioterapia, particular, e depois saiu o resultado da UFCG eu tinha colocado biológicas e pedagogia, ainda fugido de pedagogia eu coloquei biológicos. Fui aprovado na primeira opção em pedagogia E aí fiquei para decidir entre pedagogia e fisioterapia, e fui para o que eu sempre quis ser que era ser professor. Então a minha motivação para ser professor desde criança eu tinha essa ideia de gostar de ensinar, de interagir com as outras pessoas e de fazer alguma coisa prática.

#### 2. Se durante o processo de formação chegou a pensar que o curso de Pedagogia não seria para ele pelo fato de ser homem

O curso... o curso em si não, mas eu já questionava como seria na realidade da profissão, porque a gente ver que as turmas são formadas 80%, 90% de mulheres, né? acho que a turma que eu concluí só tinha três homens. Mas durante o curso... porque como é um curso, uma área, que você pode caminhar por diversas vertentes, eu sabia que se eu não fosse para educação infantil ou lecionar a escola em qualquer nível eu poderia ir para os outros eixos que a pedagogia oferece, mas na realidade, na prática, em sala de aula eu sempre questionei como seria a minha vivência como professor na educação infantil principalmente ou no fundamental eu acho que ser professor homem do ensino fundamental é menos complexo do que ser professor homem na educação infantil.

#### 3. Questão fora do roteiro: Então o que te fez ir para a Educação Infantil?

Como eu não tinha nenhuma vivência nem no fundamental... eu tinha vivência no PIBID e no estágio. Só isso. Que não é muita coisa. Foi a quantidade de vagas oferecidas no concurso, do fundamental tinha menos vagas e na Educação Infantil tinham mais vagas, então não foi nada específico. Ah então eu prefiro trabalhar com esse público do que com esse público ou eu me identifico mais nesse eixo do que esse eixo... não... foi pela quantidade de vagas. Eu acho que

qualquer área que eu optasse, eu estaria satisfeito seja na Educação Infantil ou no ensino fundamental

#### **4. Como se ver como Como o professor homem estando na educação infantil**

Ó... eu confesso que no início para mim foi um choque de realidade. Foi difícil porque nós temos muitos olhares voltados para nós, eu sou o único homem professor na escola, na escola que eu trabalho todos são mulheres e por isso já tem um peso, e por ser homem gay tem outro peso, né? eu... quando entrei a primeira coisa que eu pensei foi como as crianças iriam me receber, elas estavam acostumadas a estudarem com mulheres e aí eu imaginei que teria uma resistência mas foi totalmente o oposto eu acho que foi uma novidade também para elas porque elas ficaram muito muito animadas, muito felizes, era comentando com os pais: “agora eu tenho um professor”, os pais comentavam para mim que elas gostavam e tal. Então a minha primeira ideia foi essa, como é que as crianças iriam me receber eu tinha muito medo da reação ou da rejeição das crianças. A segunda é como é que os pais vão me ver... então como é que os pais vão me ver na questão do afeto da questão do cuidado, porque a educação infantil é educar e cuidar. E aí eu tenho muito cuidado com este cuidado, na troca de afeto... é como eu estava comentando até com uma professora esses dias eu sou muito receoso quando a criança vem me abraçar quando a criança pede colo para mim... porque existe muitos olhares voltados para mim na escola e muito desses olhares são jogadores pela figura que eu represento, né? Na educação infantil eu sempre evito trabalhar com aluno que ainda não tem autonomia para ir ao banheiro para fazer a higiene pessoal porque eu sei que eu vou ser julgado por isso para dar banho numa criança então tudo isso são detalhes que pesam muito e aí é algo que também é sofrido, é doído porque a gente fica tentando conter uma certa afetividade a gente não vai além do que a gente poderia ir devido esses olhares julgadores... com medo de ser julgado, né? A gente não sabe como é que o outro vai estar vendo o nosso afeto como uma criança. Eu sempre fico... eu sempre tento conter mais esse afeto com as crianças que é algo que pesa muito também.

#### **5. Se sofreu algum tipo de preconceito constrangimento ou discriminação da docência da Educação Infantil por ser homem**

Não! De forma concreta não, já chegaram alguns comentários que estavam desconfiando de algo, mas não vou entrar em detalhes porque não foi algo concreto, foi só achismo de uma professora que escutou... que acha que viu alguma coisa. Mas assim que eu sofri diretamente algum preconceito ou fui recriminado por isso ou julgado por alguma prática não

#### **6. Como avalia o debate de gênero dentro da docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental**

É uma questão que é extremamente relevante para ampliar esse acesso aos homens, porque existe esse receio de nós homens nos inserirmos no contexto da educação infantil. Exatamente pela questão do afeto, do cuidado ser mais intenso do que no ensino fundamental, o nosso contato com as crianças é diferente do contato, por exemplo, dos adolescentes que estão no fundamental. Então o debate pode permitir que as pessoas reflitam mais sobre essas questões, que elas possam ampliar os seus olhares e verem que o pedagogo, o homem, ele pode ter acesso a qualquer nível, qualquer etapa, se competente nisso que ele faz. Então é muito importante para que também os estudantes de pedagogia, homens, não tenham receio de estarem nesses espaços também.

## ENTREVISTA 2 – PROFESSOR ANTÔNIO

### **1. Motivações para a escolha do curso de Pedagogia**

Na verdade, eu não escolhi estar no curso de pedagogia a pedagogia que me abraçou e me escolheu. Foi uma relação de muito diálogo. Eu tinha feito o meu primeiro vestibular e tinha como primeira opção o cursar de arte e mídia pela UFCG inclusive fui aprovado e fiquei na lista de espera... e enquanto eu tentava outros cursos na área de artes, publicidade e propaganda, teatro... que eram áreas que estavam na minha cabeça muito formuladas que era o que eu queria seguir, eu fui beneficiado pela Bolsa do ProUni no curso de Pedagogia na Faculdade São Francisco, no ensino superior de Educação de Cajazeiras na verdade. Então iniciei o curso de pedagogia muito sem essa pretensão... assim sem entender, né? o que era aquela área e o que eu pretendia a partir disso, mas quando eu cheguei no quarto período do curso... eu assim... mesmo tendo uma identificação, apesar de estar sendo trabalhados os fundamentos, essas disciplinas mais de base teórica, eu fiz o vestibular, o processo seletivo, na verdade, de transferência para UFCG para o curso de letras só que algo em mim não me deixava abandonar a pedagogia então eu fiquei fazendo as duas faculdades ao mesmo tempo, Pedagogia à noite e Letras pela manhã e conclui o curso de pedagogia e depois conclui o curso de Letras. Então quando eu digo que a pedagogia me escolheu é porque eu me apaixonei realmente pelo curso nos momentos do estágio supervisionado em educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental e no estágio supervisionado três sobre gestão, então eu tive toda essa incursão e fui realmente assim mordido por esse bichinho que é educação.

### **2. Se durante o processo de formação chegou a pensar que o curso de Pedagogia não seria para ele pelo fato de ser homem**

Sim! Em muitos momentos, salas lotadas e a gente conseguia contar quantos homens tinham e uma particularidade também, falo pela minha experiência com os meus colegas de turma, desses homens na sua maioria eram gays... mesmo... sabe? Assim a gente percebia que era o público muito mais voltado para homossexuais... assim... não trazendo essa questão da orientação sexual, mas o que eu queria problematizar é que a gente não percebia, por exemplo, homens héteros casados. A gente percebia que a maioria, pelo menos da minha sala os homens que tinham, nós todos éramos gays.

### **3. As motivações para escolher a docência nos anos iniciais no ensino fundamental**

A motivação inicial sendo bem honesto foi a experiência com o ensino porque a gente sai do curso com aquela base teórica, a gente sai na verdade habilitado e não qualificado, tem uma diferença em relação a esses dois processos e eu buscava naquele momento uma experiência e também pensava no financeiro, em me manter em ter uma vida... assim... satisfatória... que tivesse uma qualidade de vida que pudesse me bancar e ter um certo conforto financeiro e eu vejo hoje e reafirmo que curso de pedagogia ele abre muitas portas nesse sentido, é um curso amplo e tem um leque de possibilidades de atuação inclusive espaços não escolares, é muito raro mas também temos essa área... então a minha motivação inicialmente é pela experiência e também por ver naquele momento quando eu fiz o concurso em 2013, 2014 a ascensão dos pedagogos nos concursos, em todas as regiões naquele momento tinha concurso para pedagogo seja o para docência da Educação Infantil ou nos seus iniciais, coordenação, orientação e supervisão.

#### **4. Como se ver como professor homem estando nos anos iniciais do ensino fundamental**

Eu me vejo hoje de uma forma muito confortável. No início realmente era desafiador porque eu recorro que a escola que eu lecionava em 2015, uma escola da zona rural... eu era o único professor homem nos anos iniciais e essa realidade também ocorre na escola na qual eu sou supervisor escolar eu sempre costumo se brincar e dizer que eu sou “bem vindo das mulheres”. São sete mulheres, sete professoras, com a equipe gestora são nove e eu sou o único homem dessa equipe escolar desde a educação infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental passando pela gestão. São experiências diferentes obviamente, uma na supervisão e outra da docência, mas voltando à docência... é... com o tempo eu fui identificando como essa relação poderia ser estabelecida com os alunos porque em uma das primeiras semanas de aula a gente tinha aquele momento assim de um certo impacto para eles, as vezes eles me chamavam de tia e muitas vezes esse tia saía assim sem querer de forma natural eu não os repreendi muito pelo contrário, mas aos poucos eles foram se acostumando a me chamar de professor e eu fui estabelecendo um outro tipo de diálogo com eles e outras formas de afeto, porque existe sim o desafio que o homem como professor dos anos iniciais... né? O abraçar, o beijar que a tia geralmente tem esse afeto físico muito relacionado.... a gente tem uma certa dificuldade de estabelecer esses laços, mas aos poucos eu fui quebrando essas barreiras inclusive com as próprias famílias, porque eu acredito que para quem tá na Educação Infantil onde eu tive experiência de quatro meses a dificuldade foi ainda maior. O fato de ser professor homem... de ser homem pela sociedade em que vivemos dificilmente me levaria para a pedagogia porque é uma profissão que pela sua própria história está ligada ao feminino as próprias normalistas da Educação de modo geral que é a figura da mulher... muitas vezes assim confundida o cuidar e o educar, toda essa problemática... e eu diria que pela condição de ser homem... ter escolhido a pedagogia... talvez... eu não consigo te responder de uma maneira muito clara, por que a gente não encontra esse espaço, existe uma lacuna, um esvaziamento mesmo... em turmas, em processos, nas relações... inclusive na Secretaria da Educação que eu trabalho também são poucos homens nas ações pedagógicas a gente percebe assim os nichos muito bem definidos... os guetos... os homens estão no setor de transportes, para carregar isso, para carregar aquilo... os homens aparecem muito no setor de estatística, mas quando a gente fala de recursos humanos e ações pedagógicas, mulheres. E aí mais uma vez eu sou um dos poucos homens com essas mulheres, não que para mim seja algo difícil, muito pelo contrário, consigo me relacionar muito melhor com as mulheres do que com os homens, mas falando de profissão mesmo é o diálogo muito mais... nossa que pergunta... tá quase uma psicanálise... mas eu diria que pelo fato de eu ter tido uma formação muito mais com mulher, durante o próprio curso de Pedagogia, com professoras e tendo colegas de turma mulheres, então essa relação ela foi se estabelecendo muito natural... então eu me sinto muito confortável em tá numa mesa assim... com nove mulheres... eu prefiro estar com as minhas parceiras é muito mais confortável estar ali.

#### **5. Se sofreu algum tipo de preconceito constrangimento ou discriminação da docência da Educação Infantil por ser homem**

Quando eu tive a experiência da Educação Infantil eu sofri uma certa retaliação de alguns pais e da equipe de gestão da escola, mas não foi motivado pela minha condição de ser homem foi motivado por uma questão política. Eu estava inserido em um contexto no qual eu não pertencia politicamente falando, então as coisas foram dificultadas propositalmente para mim, mas eu senti também que em um outro momento essa condição de ser homem ela foi evidenciada no



trabalho com as crianças... alguns pais buscavam assistir as aulas e algumas mães participavam de uma maneira muito incisiva muito direta... até ganhar uma certa confiança, até para as crianças elas esperavam que fosse uma professora se é possível dizer assim então eu fui tentando desconstruir isso e em quatro meses nesse período na Educação Infantil, eu fui transferido para uma turma de anos iniciais. É importante assim também destacar que geralmente os professores... eu falo isso com propriedade a nível de sistema Municipal de Ensino de Cajazeiras, os professores eles estão geralmente localizados nas turmas de 4º e 5º ano... dificilmente você vai encontrar um professor alfabetizador que esteja no ciclo de alfabetização no 1º e no 2º ano, geralmente eles estão naquelas turmas que são avaliadas pelas avaliações externas, saeb e o integra a nível de estado, enfim... eles estão geralmente nessas turmas com esses perfis mais técnicos, parece que assim já é traçado tecnicamente que corresponde ao homem. No trabalho como supervisor eu nunca sofri... assim... nem um tipo... nem velado... assim... eu nunca percebi pelo fato de ser homem, eu sinto muito mais resistência pelo próprio cargo até pela história da supervisão que quando essa supervisão ela não é algo que chega assim bem-vindo, as pessoas não olham como muito agrado quando você chega na escola por que elas consideram que o seu trabalho é muito mais crítico de estar ali cobrando monitorando, eu sinto muito mais nesse sentido do que nesse lugar de ser homem.

#### **6. Como avalia o debate de gênero dentro da docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental**

É um debate muito instigante e provocador também para que a gente pense o nosso lugar. Veja eu dei a você assim... campos bem complexos por pensar a minha condição, esse convite para pensar a minha posição de ser homem trabalhando na educação, que isso também possa lhe ser um espaço de discussão para outros trabalhos a partir do teu, em que se insere numa discussão muito maior sobre o lugar do homem no mundo do trabalho e na educação especialmente é algo que deveria ser também pauta e palco nos próprios cursos de licenciatura principalmente de pedagogia. Não existe esse debate... assim... de uma maneira tão clara, tão evidente como vocês propuseram a fazer nesse trabalho. Então considero muito oportuno para que a gente possa pensar esse lugar e também pensar não apenas nessa condição de ser homem mas na condição de homens no plural, por que a gente pode pensar nesse homem que é lgbtqi+ ou nesse homem hétero, casado e que tem uma vida dentro do padrão social que se espera ou desse homem que escolheu essa profissão inicialmente por uma falta de opção ou pelo homem que escolheu essa profissão por perceber que era uma profissão que ele poderia ganhar mais... então tem vários formatos e condições de ser homem que também precisam ser evidenciados quando chega no caminho da educação e eu vejo que essa discussão ela precisa ser de fato ser expandida para que a gente pense o nosso lugar porquê... todos os dias a gente.... a gente não enfrenta isso porque não chega a ser um problema, mas a gente tem uma necessidade de afirmação de entender esse processo. Como formador por exemplo a gente não sente tudo isso quando a gente tá no momento de formação com o professor, mas quando você chega e adentra aquele espaço escolar... em turmas... logo nos primeiros anos de escolarização a gente sente o impacto em relação ao expectativa que foi socialmente criada da professora, da tia, e aí quando o homem chega parece que... causa sempre esse espanto e ele vai ter que realmente desconstruir essa mentalidade, esse ideário em relação a essas questões que também são questões de gênero.

## ENTREVISTA 3 – PROFESSOR RAIMUNDO

### 1. Motivações para a escolha do curso de Pedagogia

Eu escolhi o curso de pedagogia quando eu ainda estava no ensino médio. Quando eu estava no ensino médio já com meus 18 anos de idade eu presto meu primeiro Enem e aí a nota que eu consigo tirar do Enem é suficiente para eu não precisar fazer nem o segundo nem o terceiro ano e aí eu já pulo do primeiro ano do ensino médio direto para Universidade. E por que que eu vou para o curso de pedagogia? Eu digo para todo mundo que foi uma experiência muito motivadora que eu tive no ensino médio quando enquanto monitor de um Programa Federal chamado Mais Educação, eu fui convidado pela a direção da escola para assumir a monitoria desse programa que objetivava dar suporte pedagógico em contra turno aos estudantes que tinham maior dificuldade de aprendizagem e aí como eu era bem desenvolvido digamos assim eu fui convidado para dar esse suporte pedagógico, aceitei, era remunerado... pagava o valor simbólico, se eu não me engano eram 200 reais mensais, ainda recebia do cheque para trocar no banco. Foi o meu primeiro contato direto com a docência de uma forma profissional, digamos assim... trabalhava e recebia por aquilo. Nessa minha experiência de ensinar o que eu sabia, o suporte pedagógico que eu dava no ensino médio, eu abri meu horizonte e percebi que talvez ser professor fosse uma profissão interessante a seguir... já que eu me dava tão bem ali naquele ambiente, ambiente que me acolhia de uma forma tão prazerosa, E aí eu decidi escolher o curso de pedagogia visando também os diferentes espaços de atuação do pedagogo... Então quando eu entrei no curso de pedagogia eu já sabia que pedagogo não era ser só professor e eu entrei com esse... com esse foco de dizer assim: “vou ser pedagogo, mas eu não preciso necessariamente ser professor, eu posso trabalhar na secretaria da escola, posso ser gestor, posso ser coordenador, né?” E aí a pedagogia me encontrou não só pelo meu potencial de ser professor desde o ensino médio, mas também pelas diversas áreas de atuação que eu teria para escolher após o término do curso.

### 2. Se durante o processo de formação chegou a pensar que o curso de Pedagogia não seria para ele pelo fato de ser homem

No início do curso me causou o estranhamento, em na maioria absoluta da turma ser do sexo feminino, mas não foi um desconforto que me fez pensar em desistir do curso ou cogitar mudar de curso, não... em algum momento, no terceiro período do curso de pedagogia eu pensei em fazer uma transferência para o curso de direito, mas não tinha nada a ver com a questões de gênero era mais uma inclinação que eu tinha mesmo para a área do direito, mas aí eu já estava muito envolvido com a pedagogia e não consegui sair da pedagogia e decidi prosseguir, e prossegui. Durante todo o curso a gente vai se relacionando melhor com as pessoas que ali estão, no final do curso apenas 3 homens concluíram na minha turma que tinha 46 estudantes... salvo engano, só concluíram o curso 18 e desses 18, 3 eram homens, eu... *(o sujeito cita outros nomes que serão preservados na versão final e publicação do trabalho)*. Nós sempre tivemos uma amizade muito boa e um envolvimento muito bom com as meninas... sabíamos dos estereótipos que tinha, sabíamos inclusive dos preconceitos que existiam do lugar do homem da Educação Infantil e no ensino fundamental sobretudo nos primeiros anos dos anos iniciais mas aí decidimos seguir e tentar mostrar que para tudo existe uma exceção e que não era bem assim como as pessoas pensavam.

### **3. As motivações para escolher a docência nos anos iniciais no ensino fundamental**

Quando conclui o curso de pedagogia eu não desejei naquele momento, ser professor eu quis seguir a minha carreira acadêmica inclusive, segui. Eu termino o curso de pedagogia em agosto e em agosto mesmo eu já estou fazendo a seleção do mestrado isso no ano 2019 e em dezembro de 2019 já sou aprovado no mestrado na UFRN em Natal. Então eu saio da graduação e continue estudando vou para o mestrado e enquanto eu faço mestrado também faço especialização... e fico por ali vivendo mesmo da academia, do que eu ganhava do mestrado e quando vem a pandemia e eu consigo oportunidade para trabalhar no setor Educacional da área da gestão onde eu assumo a Coordenação Geral da Educação de um município. Só que aí voltando um pouquinho em 2019 quando eu fiz a seleção do mestrado eu também havia prestado o concurso público no Município de Juazeiro do Norte e esse concurso foi em março, eu ainda não tinha concluído o curso eu conclui o curso em agosto e em março fiz a prova. Quando foi no final de 2019 que saiu o resultado do concurso eu recebo com grata satisfação que eu tinha sido aprovado no concurso público daqui de Juazeiro e aí só em 2021 é que eu sou convocado para assumir o concurso público... E quando abre o concurso público a gente tem a opção de escolher entre Educação Infantil e anos iniciais, eu escolhi os anos iniciais pela minha... por ter menos dificuldade em trabalhar com crianças um pouco maiores. Então desde quando eu entro nos anos iniciais apresenta como preferência na escola trabalhar com a turma de terceiro quarto e quinto ano por uma questão de adaptação minha mesmo... de dificuldade de trabalhar com crianças menores. Então desde quando assumiu o concurso apenas no primeiro ano eu dei aula no primeiro ano do Ensino Fundamental e desde então eu tenho focado em quarto e quinto ano. E aí a escolha porque nos anos iniciais? porque no concurso a possibilidade eram essas: ou educação infantil ou anos iniciais e no contexto de preferência minha eu priorizei os anos iniciais por adaptação em me sentir mais preparado, mas confortável para assumir a docência.

### **4. Como se ver como Como o professor homem estando nos anos iniciais do ensino fundamental**

Quando eu entrei na escola eu esperava que eu não fosse bem recepcionado, na escola que eu trabalho hoje desde quando eu entrei no concurso, eu não mudei de escola, estou trabalhando na mesma escola. A primeira representação que eu tinha do pedagogo dos anos iniciais... eu achei que haveria espanto, que haveria o desconforto, que eu não fosse bem recebido pelos pais ou pela direção da escola, mas eu tive a grata surpresa de ser recebido com festa na escola. As pessoas adoraram a ideia de ter um pedagogo dando aula os alunos, ficaram encantados porque eles nunca tinham tido o professor do sexo masculino, um professor homem para eles ali ministrando aula... então quando eu entro na sala eles ficam surpresos, eu acredito que eles tiveram mais foco prestaram mais atenção porque eles querem saber, querem viver aquela realidade do que era ter um professor do sexo masculino e isso para mim me tocou porque eu me senti mais abraçado me senti mais acolhido pela aquele ambiente. As minhas colegas... hoje na escola que eu trabalho só tem eu de professor todas são professoras só tinha um professor no ano passado e um professor substituto que vai sair. E aí as minhas colegas me abraçaram, me ensinaram e me ajudaram. Os pais também me recepcionaram muito bem. Hoje eu tenho uma relação afetiva muito forte com os pais dos meus alunos. Como é uma escola pequena, de um bairro pequeno, os alunos que entram no primeiro ano ele só sai quando

concluiu o quinto e a gente cria uma relação afetiva muito forte, muito boa com os estudantes e com as famílias que acabam abraçando de uma forma muito carinhosa, homenageando a gente. Então apesar da minha imagem e do meu preconceito em achar que naquele espaço eu não seria bem aceito, que não teria me aceito, para o meu espanto e para minha surpresa eu fui na verdade muito bem recebido muito bem recepcionado e acolhido.

**5. Questão fora do roteiro: Quais eram essas representações e imagens que tu tinhas antes de chegar na escola pelo fato de ser homem?**

Eu acredito que pelo fato de que quando eu estava na condição de aluno e estudante dos anos iniciais, nunca tive o professor homem então eu tinha para mim que aquele espaço era um espaço feminino, que aquele não era o espaço... um espaço para o homem. Quando eu fui bolsista do programa institucional de bolsas de iniciação à docência o PIBID e o Programa de residência pedagógica da Universidade, eu nunca presenciei nas escolas que eu fiz a minha residência um pedagogo ministrando aula, então o meu ambiente me falava que aquele espaço não era meu, o contexto social que eu caminhava, os caminhos que eu percorria mostravam para mim que aquele espaço não era um espaço masculino, era um espaço se não exclusivamente, predominantemente feminino. Então de certa forma me trazia e insegurança, me trazia desconforto e eu achava que eu não tinha habilidade ou a competência de atuar dos anos iniciais do ensino fundamental por ser homem. Então não era uma questão de qualificação profissional de formação acadêmica porque isso eu sempre tive na minha cabeça que tinha, eu sempre me vi como um bom profissional na medida do possível, das minhas possibilidades e da minha formação, mas eu não me via acerca da questão de gênero capacitado para atuar nos anos iniciais, por acreditar que existia ou que exigia alguma característica feminina que eu não tinha, seja uma afetividade mais delicada, seja uma intimidade maior, uma delicadeza... eu não sei bem o quê, mas durante o meu período como residente acadêmico do curso de Pedagogia, o meu contexto e os espaços que eu andava me mostrava que aquele espaço era espaço feminino e eu estava ali de gaiato como se diz, mas aí após ingressar nos anos iniciais eu percebi que não, que na verdade era um preconceito meu de achar que aquele espaço não era para mim.

**6. Se sofreu algum tipo de preconceito constrangimento ou discriminação dentro do contexto de docência dos anos iniciais do Ensino Fundamental por ser homem**

Não! Eu particularmente nunca sofri, só que as pessoas diziam que eu poderia sofrer, mas eu nunca cheguei a sofrer. Mas as pessoas diziam: “ó se você for trabalhar na educação infantil vai ser mais delicado... por exemplo para você dar banho nas crianças, se você for trabalhar numa creche, os pais não vão gostar, os professores vão ficar assim... assado... se você for trabalhar do primeiro ano do ensino fundamental, mesmo aí você precisa dar um carinho, colocar aquela criança do colo... Então as pessoas colocavam em mim situações que eu poderia enfrentar, mas não enfrentei essas situações. Como eu disse, fui professor do primeiro ano do ensino fundamental e me sai super bem, foi super tranquilo para mim. No segundo ano também, no terceiro, quarto e quinto. Sou professor das duas turmas de quinto ano e felizmente nunca sofri nenhum tipo de preconceito ou discriminação.

**7. Como avalia o debate de gênero dentro da docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental**

Eu acredito que longe da gente alimentar a ideia de que a docência no ensino fundamental dos anos iniciais não é um espaço para homem, longe dessa concepção. Trabalhos desse tipo nos

aproxima de uma realidade... de uma realidade concreta, de que todos os espaços são para todas as pessoas que queiram ali estar, assim como a mulher pode ocupar todos os espaços, o homem tem essa liberdade de ocupar todos esses espaços. Nós sabemos que a docência de modo geral ela foi direcionada muito mais a figura feminina, por uma questão de machismo mesmo, por uma questão de divisão social do trabalho, por uma questão de sexismo. E aí a sociedade contemporânea vai exigir novas regulações e essas mulheres vão para outros espaços e esses espaços ficam abertos para os homens. Também os homens se inserem nesses espaços e se dão nesses espaços tanto quanto as mulheres que ali estavam. Então trabalhos como esse podem trazer a luz essas possibilidades de atuação profissional. Longe dos parâmetros discriminatórios e preconceituosos que podem fomentar e alimentar a nossa motivação em prosseguir e concluir o curso de pedagogia. Por exemplo, eu acredito que muitos homens podem acabar desistindo do curso de pedagogia por se ver em um espaço feminino e achar que aquele espaço, que é predominantemente feminino, é um espaço que pode colocar em cheque por exemplo a sua masculinidade ou que ele não vai se adaptar aquela realidade simplesmente pelo fato de ser homem ou de ser hétero. E aí eu acredito que a medida que nós ampliamos essas discussões nós trazendo a luz essas pessoas... nós permitimos que essas pessoas falem sobre suas realidades e assim nós construímos novas representações de pensar o homem na docência outros discursos, a gente permite que outras interpretações, outras compreensões e outros discursos sejam formulados a partir das pessoas que vivenciam esses espaços e não a partir das concepções de pessoas que nunca vivenciaram esse espaço, pessoas que assim como eu, tinha a ideia de que aquele espaço não era meu por ser homem. Não porque eu não sabia completamente cientificamente, tecnicamente, mas simplesmente porque eu não tive professores homens e por não ter professores homens eu achava que os homens não poderiam ser professores, porque não foram meus então não poderiam ser de outro e hoje eu sou professor, que atua nos anos iniciais e que esse espaço também é meu, é nosso é de todas de todos e de todes. Então eu acredito que trabalhos assim fazem a gente prosseguir no curso, concluir o curso e exercer uma profissão com dignidade competência, profissionalidade e com alegria, com amor com afetividade que são elementos essenciais para a gente ser então só um professor, mas para ser um bom professor, é isso.

## **ENTREVISTA 4 – PROFESSOR VICENTE**

### **1. Motivações para a escolha do curso de Pedagogia**

Bem, a minha motivação da escolha do curso de pedagogia foi justamente buscar me qualificar buscar uma formação mais condizente com as minhas funções dentro das instituições de educação infantil, então foi para me qualificar... me qualificar e oferecer um serviço... prestar um serviço e um trabalho de melhor qualidade para os alunos.

### **2. Se durante o processo de formação chegou a pensar que o curso de Pedagogia não seria para ele pelo fato de ser homem**

Não, em nenhum momento. Apesar de ser um curso, digamos assim... majoritariamente feminino, mas em nenhum momento eu achei que não deveria estar ali por ser homem por ser do gênero masculino, em nenhum momento... muito pelo contrário foi o curso... é o curso que eu me identifico muito. Creio eu que boa parte dos alunos homens que ingressam no curso

sabem... assim... que socialmente falando, uma parte da educação infantil dos anos iniciais é mais mulheres... assim... é composto mais por um grupo maior de mulheres, mas em nenhum momento eu me estranhei no curso. Muito pelo contrário, foi muito bem recebido pelas minhas colegas e tive um relacionamento interpessoal com elas muito bacana. Enfim...

### **3. As motivações por ter escolhido estar por um longo tempo na docência da Educação Infantil**

Bem, eu acho que quando eu ingressei no cargo... nas funções da educação infantil eu meio que não sabia, assim... o que era que eu ia exercer, enfim... mas o que me manteve durante cinco anos da Educação Infantil foi o próprio contato com as crianças, com os alunos, com os professores, apesar de ser a educação infantil... ser uma etapa um pouco desafiadora, ainda mais quando se recebe homens da educação infantil, mas o que me manteve foram as relações interpessoais com os professores, com os alunos, com os funcionários e a minha busca realmente pelo meu desenvolvimento profissional, a minha qualificação, o meu desenvolvimento profissional tanto é que passei cinco anos na educação infantil e procurei me informar, me qualificar com a formação da Pedagogia. Hoje eu não atuo na educação infantil estou aqui na escola técnica de saúde de Cajazeiras, mas, estamos aqui, né?

### **4. Questão fora do roteiro: Questionamento sobre a fala "ainda mais quando se recebe homens na educação infantil". Foi solicitado que o sujeito falasse um pouco mais sobre esta sua fala.**

É porque sim, a educação infantil e o curso de pedagogia é um curso... o ambiente ainda muito formado pelo gênero feminino. Então eu acho que na própria sociedade quando se recebe professores homens ainda existe o certo tabu... é... com relação a isso, mas nada que causa estranhamento muito pelo contrário né? Eu acho hoje... o papel do homem ele não se distingue, até pela igualdade de direito entre homens e mulheres eu acho que não deve existir qualquer distinção desse aspecto, né? Até porque hoje em dia nós temos profissões que até então eram vistas como destinadas.... vamos dizer assim, ao grupo masculino e que também as mulheres estão chegando e conquistando cargos, conquistando direito que antes não eram aceitáveis, enfim.

### **5. Como o sujeito se via quando estava atuando na educação infantil enquanto homem**

Bem, eu gostei bastante, assim... no sentido de educação infantil eu gostei dos desafios, eu gostei das convivências, gostei de estar atuando naquele ambiente educativo da primeira etapa da Educação Básica. Enfim... foi o processo de aprendizagem, né? Porque a gente está em constante processo de aprendizagem foi o processo que eu considero engrandecedor para a pessoa e para o profissional que eu sou hoje.

### **6. Se sofreu algum tipo de preconceito constrangimento ou discriminação da docência da Educação Infantil por ser homem**

Sim! Chegou a acontecer no início da carreira é... para falar a verdade no primeiro dia aconteceu que uma mãe... ela... A educação infantil praticamente veio a ser regulamentada, digamos assim, após a LDB em 1996 e com isso o que foi que aconteceu de inserir homens nesses

espaços educacionais, né? a gente vê quando a gente estuda a história da educação infantil a questão da roda rejeitados... é... que foi de onde surgiu a educação infantil né? e... Os espaços eram destinados praticamente para as mulheres, né? Para cuidar e educar, né? E no meu primeiro dia houve uma situação bastante embaraçosa, mas... no fim tudo se resolveu... O caso foi assim: uma mãe estranhou fez uma ligação para uma rádio da cidade enfim... houve o momento que eu mais me recordo assim nessa situação foi isso foi essa mãe no primeiro dia do meu trabalho que ela estranhou ter homens nas creches e ligou para as rádios denunciando que havia homens nas creches (risos). No fundo eu acho que eu entendi essa questão porque eu quando eu cheguei ali no espaço que é destinado assim as funções educativa e de cuidados que são vistas como para mulheres e eu procurei relevar a minha atitude na época foi buscar relevar e vida que segue.

#### **7. Como avalia o debate de gênero dentro da docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental**

Bem, eu acho que a educação infantil ela ganhou bastante autoridade principalmente de 2020 para cá quando houve a prorrogação da emenda constitucional número 108, com a prorrogação do novo fundeb, então aí a educação infantil vai receber recursos para a formação e qualificação de seus profissionais e isso contextualizando... Eu considero bastante importante ter homem na educação infantil, até porque isso não torna mais ou menos homem. As funções educativas e de cuidado elas são importantes tanto para mulheres quanto para homens, eu acho de muita importância... É importante sim haver debates sobre a participação do gênero masculino tanto na educação infantil quanto dos anos iniciais do Ensino Fundamental até para ver a quebra de certos tabus que ainda existem muito na nossa sociedade.



## ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo intitulado **A FORMAÇÃO E A INSERÇÃO DE HOMENS PEDAGOGOS NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**, coordenado pelo professor **DR. DORGIVAL GONÇALVES FERNANDES** e pelo estudante **ISMAEL ALVES DA SILVA** ambos vinculados ao **CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (CFP) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)**. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo **Compreender o processo de inserção de homens pedagogos na docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental** e se faz necessário pela **relevância social e acadêmica fundamentadas na necessidade de estudos sistemáticos a respeito dos corpos, gêneros e as demarcações dos lugares sociais e de trabalho desses sujeitos oriundos do curso de Pedagogia atuantes na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: **Assinar o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)** aceitando e concordando com o que nele está disposto, assim como participar de uma entrevista uma **Entrevista semiestruturada**. Os possíveis riscos envolvidos com sua participação e os comprometimentos dos pesquisadores são:

- **Assegurar a confidencialidade e a privacidade;**
- **Invasão de privacidade;**
- **Responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais, situações sensíveis que envolvam discriminações sofridas, violência e estigmas com relação a sexualidade e gênero;**
- **Juízo de valor a partir do conteúdo revelado;**

Os benefícios da pesquisa serão:

- **Contribuir com a pesquisa científica;**
- **Contribuir a nível de produção de conhecimento na área dos estudos de gênero;**
- **Contribuir para com a fase de formação acadêmica do estudante pesquisador**



Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes**, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** DORGIVAL GONÇALVES FERNANDES

**Instituição:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

**Endereço Profissional:** RUA SÉRGIO MOREIRA DE FIGUEIREDO, S/N.  
CAJAZEIRAS – PARAÍBA

**E-mail:** dorgefernandes@yahoo.com.br

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

**LOCAL E DATA**

\_\_\_\_\_  
Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do responsável pelo estudo